

**FACULDADE DE ARACRUZ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TECNOLOGIA AMBIENTAL**

**LUIZA CIRLEI GOMES**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL UTILIZANDO A  
LINGUAGEM AUDIOVISUAL PARA A PRODUÇÃO DE NOVOS SABERES**

**Aracruz  
2010**

**LUIZA CIRLEI GOMES**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL UTILIZANDO A  
LINGUAGEM AUDIOVISUAL PARA A PRODUÇÃO DE NOVOS SABERES.**

**Dissertação apresentada à Faculdade de  
Aracruz para obtenção do título de Mestre  
Profissional em Tecnologia Ambiental.**

**Área de Concentração: Tecnologia Sócio-  
Ambiental.**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição  
Silva Soares.**

**Aracruz  
2010**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### Catálogo da Publicação

Serviço de Documentação da Biblioteca Professora Maria Luiza Devens

Faculdade de Aracruz/ES

Gomes, Luiza Cirlei.

A Educação ambiental no ensino fundamental utilizando a linguagem audiovisual para a produção de novos saberes / Luiza Cirlei Gomes ; orientadora Maria da Conceição Silva Soares. - Aracruz, 2010.

74 f.

Dissertação (Mestrado)--Faculdade de Aracruz, 2010.

1. Educação Ambiental. 2. Ensino Fundamental. 3. Linguagem Audiovisual. I. Soares, Maria da Conceição Silva. II. Título.

CDU 37:504

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Luiza Cirlei Gomes  
A Educação Ambiental no ensino fundamental utilizando a linguagem  
audiovisual para a produção de novos saberes.

Dissertação apresentada à Faculdade  
de Aracruz para obtenção do título  
de Mestre Profissional em  
Tecnologia Ambiental.  
Área de Concentração: Tecnologia  
Sócio-Ambiental.

Aprovado em:

## Banca Examinadora

Orientador Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Soares

Instituição: MPTA/FAACZ

Assinatura: M. da Conceição Silva Soares

Profa. MSc. Nadja Valéria dos Santos Ferreira

Instituição: MPTA/FAACZ

Assinatura: Nadja Valéria dos Santos Ferreira

Profa. MSc. Mercedes Silvério Gomez

Instituição: MPTA/FAACZ

Assinatura: M. Silvério

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca

Instituição: UFSJ

Assinatura: João Barreto da Fonseca

Renato Ribeiro Siman  
Prof. Dr. Renato Ribeiro Siman  
Coordenador do MPTA/FAACZ

A Giulio, luz da minha vida.

À minha irmã Maria Silene, pelo  
suporte e pelo carinho.

Aos amigos que me ouviram e  
aplaudiram os meus devaneios,  
principalmente João Rocha.

Agradeço à minha orientadora Maria da Conceição Silva Soares, por sua inteligência e generosidade, a João Barreto da Fonseca e Giuseppe Camiletti pela contribuição à banca. Agradeço ainda a toda EMEF Santa Cruz, por abrirem as portas para a realização do meu trabalho.

“Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver. Este foi o efeito do encontro fatal que aí se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes barbudos, hirsutos, fedentos, escalavrados de ferida do escorbuto, olhavam o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, esplêndidos de vigor e de beleza, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar.”

Darcy Ribeiro

## RESUMO

GOMES, Luiza Cirlei. **A Educação Ambiental no Ensino Fundamental Utilizando a Linguagem Audiovisual para a Produção de Novos Saberes**. 2010. 74 f. Dissertação – Faculdade de Aracruz – FAACZ, Aracruz-ES, 2010.

Seguindo a nova linha de pesquisa sobre educação, onde a desconstrução, a análise do cotidiano e a observação com foco direcionado para o senso comum é o caminho que se sugere a ser trilhado, desenvolvemos na EMEF Santa Cruz a Educação Ambiental no Ensino Fundamental Utilizando a Linguagem Audiovisual Para a Produção de Novos Saberes. Este conhecimento foi construído através de pesquisa com os cotidianos e registrado em vídeo, no formato documentário, no qual o aluno foi autor, ator e também espectador de sua própria experiência. A partir daí foi possível dialogar sobre o meio ambiente como um todo, sobre leis ambientais universais, àquelas que se referem à proteção de toda a Terra, visto que tudo está interligado. Escolheu-se a Linguagem Audiovisual como veículo de construção devido à constatação de que o vídeo é um modo de pensamento, que permite a experimentação e a criação de saberes e fazeres, no contexto da era tecnológica na qual a maioria das pessoas está complementemente envolvida. E ainda pela enorme sedução que a imagem em movimento exerce sobre o universo infanto-juvenil e pela facilidade de projeção e exibição, pois em cada escola, ainda que de periferia, existe um equipamento de vídeo ou computador onde a imagem possa ser exibida. O vídeo documentário criado na EMEF Santa Cruz sobre os projetos sociais desenvolvidos pela escola e seus resultados junto à comunidade, permeia outro diálogo se exibido em outros locais, como escolas públicas, comunidade, etc. Sugere ainda que a Educação Ambiental possa ser vista com uma visão eco-planetária e holística do mundo, ainda que partindo de uma iniciativa local. Introduzimos ainda a tecnologia áudio visual em uma escola pública. Educação e ciência entrelaçaram as mãos a favor do meio ambiente.

**Palavras – Chave:** Educação Ambiental; Ensino Fundamental; Linguagem Audiovisual



## **ABSTRACT**

GOMES, Luiza Cirlei. **Environmental Education at Elementary Level Employing Audiovisual Media to Produce New Knowledge**. 2010. 74 f. Dissertation – College of Aracruz – FAACZ, Aracruz-ES, 2010.

Following the latest educational research trends, where deconstruction, everyday life analysis and common sense observation are the recommended methodologies, we have developed at EMEF Santa Cruz a program of Environmental Education at Elementary Level Employing Audiovisual (AV) Media to produce new knowledge. This knowledge was constructed out of research with everyday life and then recorded on documentary video, with students as authors, actors and spectators of their own experience. On that basis it was possible to create a dialogue about the environment as a whole and universal environmental legislation (the ones designed to protect the Earth) because everything is interconnected. AV was the chosen media because of the way it allows for experimentation and knowledge creation in the context of a technology-oriented era in which most people are completely immersed. Besides, AV has an immense appeal to young people and is widely available in every school, even in low-income areas, where both video and computer equipment are ubiquitous. The documentary video created at EMEF Santa Cruz about social projects developed by the school in partnership with the community, has the potential to inform other dialogues if shown at different venues, such as public schools, community centres etc. It also suggests that Environmental Education can be seen as an eco-planetary and holistic view of the world, even when launched from a local platform. We also introduced AV technology to a state school, thus education and science held hands for the environment.

**Key Words: Environmental Education; Elementary education; AV media**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – EMEF SANTA CRUZ 2008.....	47
Figura 2 – Professor Jorge Augusto e a Diretora Margareth da EMEF Santa Cruz-2008.....	48
Figura 3 – Luiza Cirlei Gomes, sala de aula EMEF Santa Cruz -2008.....	51
Figura 4 – Luiza Cirlei Gomes, sala de aula EMEF santa Cruz – 2008.....	52
Figura 5 – Alunos do 9º ano da EMEF Santa Cruz - 2009.....	58
Figura 6 – Luiza Cirlei Gomes, a Diretora Margareth e alunos do 9º ano da EMEF Santa Cruz – 2009.....	59
Figura 7 – Alunos do 9º ano da EMEF Santa Cruz- 2009.....	60
Figura 8 – Alunos do 9º ano da EMEF Santa Cruz- 2009.....	61

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: AVISO DE INCÊNDIO.....</b>	<b>15</b>
<b>3 CAMINHOS , BIFURCAÇÕES, ENCRUZILHADAS E LABIRINTOS DE UMA PESQUISA TECIDA EM REDES.....</b>	<b>25</b>
<b>4 A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇOS-TEMPOS COTIDIANOS DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA CRUZ: LUTAS, CONQUISTAS, DERROTAS E RESISTÊNCIAS NA BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.....</b>	<b>38</b>
4.1 PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO DA COSTA LITORÂNEA.....	39
4.2 PROJETO LIXO X DESPERDIÇO.....	40
4.3 PROJETO VALORIZANDO A VIDA.....	42
4.4 PROJETO “MÃOS E AÇÃO”.....	43
4.5 PROJETO HORTA.....	45
4.6 CALENDÁRIO ECOLÓGICO.....	46
<b>5 A TESSITURA DO DOCUMENTÁRIO EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM OS COTIDIANOS DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA CRUZ .....</b>	<b>47</b>
<b>6 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: A CRIAÇÃO DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>58</b>
<b>7 EM CARTAZ: EXIBIÇÃO E ANÁLISE.....</b>	<b>62</b>
<b>8 CONCLUSÃO.....</b>	<b>66</b>
<b>9 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
<b>10 ANEXOS.....</b>	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

**“Tudo que vive é sagrado”**

*Cacique Sethler*

Narro esta viagem como se fosse uma lenda que preparo miraculosamente para depois transformá-la em imagens fílmicas.

Assim faço, pois acredito que a melhor maneira de se fazer ouvir é a narrativa imagética. Envolvido por imagens, o expectador se abstrai de todo o resto e são nas imagens instantaneamente fabricadas que ele se concentra e se identifica.

Nesta narrativa narro o real envolto em névoas da quimera, ficando a insólita realidade mais plausível. Acredito que os ensinamentos e aprendizagens acontecem assim, o ouvinte se envolvendo e se emocionando com o texto narrado. Desse modo, vamos nos misturando, o meu real ao real de quem ouve/lê, e nesses encontros vão se construindo novas realidades.

Contando desde o começo a minha história em forma de ficção não a impossibilito de ser real, pois é real também aquilo que inventamos e acreditamos construir em cima do nosso desejo, das nossas ficções pessoais que vão sendo entrançadas no inconsciente coletivo e que nos transpassa de forma alquímica e se revela em sentidos e intuições compondo aquilo que desejamos vir a ser.

Para narrar precisei, antes, dialogar com alguns autores e assim fui tecendo ponto a ponto o bordado da narrativa. Dentre os autores, Boff alojou uma nova compreensão sobre o sentimento de preservação que já havia em mim. O livro *Saber cuidar: ética do humano* acentuou esse momento de virada necessário, no qual sentimos urgência em reescrever nossa história, pois tudo que foi até agora construído embaralhou-se em uma tempestade e agora precisa ser reorganizado com as marcas daquilo que em nós foi modificado.

Armada por toda uma construção de antigas e ancestrais memórias, principalmente aquelas em que a cor da fantasia brilhava diante dos meus olhos, na mais tenra terra que nasci, invento um significado para toda essa história ora narrada. Não pretendo que a interpretem, pois não acredito que seja possível interpretar os sonhos, as quimeras e as palavras alheias. Creio mais possível senti-las.

Nesse caminhar de estradas estreitas e largas, trilhas e grutas, pinguelas sobre os rios, como se fosse atravessar a corda bamba em direção ao abismo, lanço-me nessa seara intrínseca da Educação Ambiental e nela pretendo me tornar “mestre”, ainda que mestre de narrar histórias de velhos jequitibás, perobas amarelas ou cabiúnas. Narrá-las como deusas árvores da mata atlântica, mães do Brasil.

Mestre que dá a mão aos seus alunos em forma de ciranda, que vista de cima assemelha-se a uma mandala, círculo unificado e, como se fosse uma brincadeira de roda, solta o verbo aprendido com outros mestres tecendo assim a miraculosa teia da compreensão e da imaginação, condições que acredito serem necessárias e inerentes a toda produção de conhecimentos.

Com essa pesquisa – intervenção, desenvolvida no/com o cotidiano da escola de Ensino Fundamental Santa Cruz, no município de Aracruz, no estado do Espírito Santo, no período de novembro de 2008 a dezembro de 2009, objetivamos experimentar, analisar e narrar o “uso” das tecnologias do audiovisual para a produção de conhecimentos e subjetividades comprometidas com a sustentabilidade, a participação social, o engajamento nos problemas locais e a criação de novos modos de existência.

Propomos pensar a educação, na sua dimensão ambiental, como prática criativa e coletiva que se efetiva no “aqui e agora” das comunidades escolares, ampliando as redes de *saberesfazer*es e relações já existentes.

Desse modo, para melhor apresentar essa experiência, estruturamos essa dissertação em seis capítulos. No primeiro capítulo, “Educação e Meio Ambiente: aviso de incêndio, teço considerações sobre a crise ecológica e a importância da educação ambiental.

No segundo capítulo “Caminhos, bifurcações, encruzilhadas e labirintos de uma pesquisa tecida em redes”, busco introduzir o leitor na minha proposta de pesquisa-intervenção em Educação Ambiental em escola pública de ensino fundamental.

No terceiro capítulo, “A Educação Ambiental nos espaços - tempos cotidianos da Escola de Ensino Fundamental Santa Cruz: lutas, conquistas, derrotas e resistências na busca de uma vida melhor”, relatamos os projetos desenvolvidos pela escola e seus resultados.

No quarto capítulo, “A tessitura do vídeo documentário em Educação Ambiental com os cotidianos da Escola de Ensino Fundamental Santa Cruz”. Gravamos todos os nossos encontros, assim como entrevistas com alunos e professores, dialogamos sobre a problemática ambiental da escola, o que nos ajudou na construção da dissertação e a produzimos o roteiro que serviu de base e suporte para a filmagem do documentário.

No quinto capítulo “Luz, câmera, ação: a criação do vídeo documentário”. Todo o 9º ano, juntamente com o professor Jorge Augusto foram para o set de filmagem e concretizaram o roteiro gravando todas as sequências contidas nele, fabricando assim o vídeo documentário.

No sexto capítulo, “Em cartaz: exibição e análise”. O vídeo-documentário filmado e finalizado foi apresentado para o 9º ano, para diretora Margareth e alguns professores. A platéia se viu representada como autor, diretor, ator e sentiu-se orgulhosa com o que havia fabricado e desejou mais produções nesse sentido.

## 2 EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: AVISO DE INCÊNDIO

A palavra cultura é originária do verbo latino *colere*. Cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, com os animais e com tudo o que se relacionava com a Terra para torná-la agradável aos homens e também o cuidado com os deuses, seus ancestrais e monumentos, à memória, cuidado com a educação referindo-se ao cultivo do espírito (CHAUÍ, 1987 apud LOBINO, 2007, p. 62).

Este conceito aristotélico muito se modificou no decorrer dos anos. A ideia de progresso foi implantada na mente humana como uma possibilidade de conforto e glória. Walter Benjamin, em suas teses “Sobre o conceito de história”, já advertia, em 1940, para o risco do ideal positivista e evolucionista do progresso, abarcado tanto pela direita como pela esquerda, que, com perspectivas diferentes, cultuavam o trabalho, a indústria e o desenvolvimento da ciência e da técnica, os quais, num tipo de darwinismo social, levariam ao triunfo natural da humanidade, inclusive ao triunfo do socialismo. Benjamin foi capaz de perceber em sua época, antecipando-se às catástrofes ecológicas da atualidade, que é preciso nadar contra a correnteza desse otimismo para intervir urgentemente e buscar um novo pacto entre os humanos e seu ambiente, por meio de *“um trabalho que, longe de explorar a natureza, é capaz de dar à luz às criações que dormitam como possíveis em seu seio”* (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, pg100)

Para o ideal progressista tudo era possível, até a desenfreada devastação do meio ambiente e de tudo que nele está inserido, inclusive o próprio homem. De acordo com Benjamin, o ideal evolucionista só nos deixa perceber os progressos de dominação da natureza, ocultando os retrocessos da sociedade. Até o trabalho humano, nessa perspectiva, será compreendido como exploração e conquista da natureza, gerando uma satisfação ingênua, que se contrapõe à exploração do trabalhador. Nos dias de hoje, depois do holocausto e das bombas nucleares, e em meio aos desastres ecológicos e a miséria globalizada, o ideal moderno de progresso parece não mais nos confortar, ao contrário, nos deixa em meio a um pessimismo generalizado. Para Bauman, o sonho do progresso está se transformando em pesadelo.

O progresso que já foi a manifestação mais extrema do otimismo radical e uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente, se arrastou totalmente em direção ao pólo oposto, distópico e fatalista da antecipação: ele agora representa uma ameaça de uma mudança inexorável que, em vez de augurar a paz e o sossego, pressagia somente a crise e a tensão e impede que haja um momento de descanso. Em vez de grandes expectativas e sonhos agradáveis, “o progresso” evoca uma insônia cheia de pesadelos de “ser deixado pra trás” de perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração (BAUMAN, 2007, p.20)

É novamente Benjamin quem nos convoca a pensar que todo documento de cultura é ao mesmo tempo um documento de barbárie, pois oculta sob a ótica dos vencedores o silêncio dos vencidos, dos oprimidos, dos explorados. Ele nos convoca a ler a História a contrapelo, buscando na rememoração as vozes que foram silenciadas, as lutas dos vencidos, dos que sofreram e dos que foram mortos ou explorados, cuja redenção só pode acontecer, e só acontece, na transformação que elas podem produzir no presente. Assim, as condições objetivas e contingentes do presente, o perigo iminente e o aviso de incêndio nos ajudam a iluminar o passado ao mesmo tempo em que a iluminação do passado pode nos salvar no aqui e agora. É nesse espírito benjaminiano, concebendo a História como uma construção aberta, que se busca uma releitura que desnaturalize o otimismo que o historicismo positivista tenta mostrar numa linha linear de evolução contínua que une passado e presente da humanidade. Busca-se assim, na rememoração histórica, vestígios para compreender a problemática ecológica em suas relações com a cultura, a economia, a educação e a subjetividade.

Para Dias (1998), foi nos idos de 1.500, após a chegada dos colonizadores/exploradores/saqueadores que a degradação começou em terras brasileiras. No dia primeiro de maio, para celebrar a segunda missa, foi feita uma gigantesca cruz de madeira e uma clareira – prenúncio da devastação de nossas florestas através da exploração predatória.

No entanto, não era essa a visão dos colonizadores, ou pelo menos não eram esses os discursos que eles sustentavam para justificar a colonização. A exploração das terras e da força de trabalho dos colonizados era justificada como processo civilizador, mais tarde reforçado pela educação jesuítica. Esses discursos e práticas são tributários de um ideal de ciência e de uma perspectiva filosófica, hegemônicas na modernidade ocidental européia e que se pretendiam universais, nas quais a



natureza era concebida como “*domínio do selvagem, ameaçador e esteticamente desagradável, em contraposição à civilização é à interpretação que está na base do ‘ethos’ moderno antropocêntrico*” (CARVALHO, 2008, pg.40). Nessa concepção,

A ideia de civilidade e cultura era construída como pólo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso e razão. Esse era um processo que se aplicava tanto aos costumes sociais quanto ao próprio cultivo de uma subjetividade humana (CARVALHO, 2008, p. 40).

É exatamente no empreendimento desse processo de civilização, unilateral e a partir dos interesses econômicos, valores, saberes e práticas dos colonizadores, tanto no que se refere aos conhecimentos reconhecidos como verdadeiros e universais, aos costumes sociais e à subjetividade humana, que entram em cena a ciência, a cultura (entendida como significados e significações em relação ao sentido da vida e do mundo) e a educação.

Conforme Reigota (2007), a concepção sobre educação que ainda é hegemônica nos dias de hoje, principalmente no que se refere à educação escolar, foi tecida no que denominamos modernidade histórica ocidental, cujas características apontam para a formação de identidades nacionais, para as formas de vida urbana e para a instrução pública. Assim:

A cultura e a educação para todos são vistas como consequência do progresso econômico e não como base do mesmo. A cultura, nesse sentido, é ilustrativa, enciclopédica, procurando refletir o acesso de uma classe ao mundo civilizado e moderno (REIGOTA, 2007. p. 33).

A prioridade na educação, nessa perspectiva, seria, ainda segundo o autor, a formação dos quadros necessários à política e à economia, por um lado, e por outro, à formação de mão de obra necessária ao projeto de modernização e industrialização.

Segundo Barros (2000), as práticas educacionais tradicionais estão ancoradas no paradigma da ciência moderna, cuja principal característica é a proposição de leis universais, fundamentadas nos princípios básicos da cientificidade e da objetividade. A prioridade é dada à organização racional e ao conhecimento especializado. A ideia

de evolução, progresso, linearidade finalista, representação e verdade estão na base da produção de conhecimentos nesse paradigma.

A própria formação escolarizada é constituída por dispositivos que produzem e disciplinam a ordem pedagógica. Dispositivos que, como a punição e a recompensa articulados, os exames, as regras disciplinares, entre outros, ao se efetivarem no cotidiano das práticas escolares, colocam e recolocam, permanentemente, o alunado na lógica do funcionamento social dominante.

As pesquisas em Educação precisam mostrar a lógica dos dispositivos pedagógicos em ação, tentando analisar como certas crenças sobre a “idéia de homem” e de “realização humana”, que fundamentam concepções hegemônicas no pensamento educacional brasileiro, são inércias fortemente encasteladas no campo pedagógico. Boa parte dos discursos e práticas no campo da educação nega que eles se constituem em operações produtoras de subjetividades e, portanto, não se limitam à função de mediadores do processo de “desenvolvimento dos indivíduos” ou de transmissão de conhecimentos objetivos (BARROS, 2000, p.33)

Ainda conforme Barros (2000), os princípios da ciência moderna pertencem à lógica cartesiana, na qual o processo de legitimação dos conhecimentos produzidos está conectado a uma metodologia baseada na neutralidade científica. A elaboração teórica passa a ser coisa de especialistas e a prática, dos técnicos. O objetivo dessa atitude de modernidade era ampliar a qualidade de vida e equalizar as condições de vida da população. Entretanto, o que aconteceu foi o inverso. O que se produziu foi a formação de um sistema fechado na racionalidade. O binômio racionalidade-futuro suplantou o binômio emoção-presente. O desenvolvimento tecnológico não deu cota das promessas de melhorar a qualidade de vida. De acordo com a autora, precisamos de um novo paradigma para a educação.

Na tentativa de superar o paradigma científico, novas formas de trabalhar e pesquisar vão se delineando no plano educacional. Novas tecnologias que apontam para uma linguagem da multiplicidade e para a crise de conceitos tão caros ao paradigma científico - como as noções de sujeito, identidade, razão e evolução/progresso -, desarmando, assim, esses princípios cientificistas. Construir outro paradigma para a educação, redimensionar nossas práticas implicam, necessariamente, recusar os lugares fixos e as verdades a serem descobertas, ocupando a posição de intelectual nômade, que desmonta verdades e faz toda afirmação ser provisória. As perspectivas cientificistas acabam por retirar a potencialidade da criação e da ruptura. Não há verdades a serem descobertas ou transmitidas, só existem máscaras e, se tudo é máscara, a possibilidade de mudança nos pertence (BARROS, 2000, p.34-35)

Em contraposição ao paradigma cientificista, Barros propõe o paradigma ético-estético político, conforme expresso por Félix Guattari, e explica: ético porque

potência ativa que surge na imanência das práticas para coordenar a vida e escolher a forma de vivê-la; estético porque criação permanente, subvertendo a pretensa unidade do mundo capitalista; e político porque implica a escolha de modos de mundo que se quer viver. É dessa forma que compreendo a Educação Ambiental, mas não é necessariamente assim que ela vem acontecendo no Brasil e no mundo.

Segundo Dias (1998), a Educação Ambiental já se manifesta desde 1983, quando Thomas Huxley, em seu ensaio *Evidências sobre o lugar do homem na natureza*, escreve sobre a interdependência entre os seres humanos e os demais seres vivos. Logo depois George P. Marsh, em seu livro *O Homem e a natureza*, apresenta um exame detalhado da ação do homem sobre os recursos naturais, chamando a atenção para a causa do declínio das civilizações antigas, acentuando que as civilizações modernas poderiam estar no mesmo caminho.

Nas décadas de 50 e 60, os países desenvolvidos, agarrados ao avanço tecnológico, ampliaram a sua capacidade de produzir alterações no meio ambiente evidenciando rapidamente os efeitos negativos sobre a qualidade de vida. E, nessa mesma década, escritores como Rachel Carson, em seu livro *Primavera silenciosa*, tratavam da perda da qualidade de vida produzida pelo uso indiscriminado e excessivo dos produtos químicos. Albert Schweitzer ganhou o Premio Nobel da Paz por popularizar a ética ambiental. Em todo o mundo iniciava-se um movimento que reverenciava as coisas vivas e questionava os estilos de desenvolvimento. Em 1972, a realização, em Estocolmo, da Conferência da ONU sobre o meio ambiente humano foi considerada um marco histórico e político internacional para o surgimento de políticas de gerenciamento ambiental. Estabeleceu-se o Plano de Ação Mundial com o objetivo de inspirar e orientar a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Nessa ocasião, foi reconhecido o desenvolvimento da Educação Ambiental como o elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo, bem como a urgência do homem reordenar suas prioridades.

De lá pra cá inúmeros encontros e conferências foram realizados, mas, enquanto isso, a degradação desenfreada do planeta continuava.

Ainda para Dias (1998), isso acontecia principalmente nos países pobres, onde a Educação Ambiental era mais necessária devido às cruéis realidades socio-econômicas ali instauradas sob égide de modelos de desenvolvimento impostos, de notória capacidade de degradação da qualidade de vida. A Educação Ambiental não se desenvolveu o suficiente pra ser capaz de produzir as transformações necessárias.

Segundo Antunes (1998, p. 21), ambiente é tudo aquilo que nos cerca, a grande esfera, a vida em volta de nós. Todos têm direito à saudável qualidade de vida, ao desenvolvimento econômico e a proteção dos recursos naturais.

Para Machado (2003, p. 78-79), todo ser humano tem direito à vida. O homem tem direito fundamental à adequada qualidade de vida, em um meio ambiente de qualidade. Os recursos não renováveis do Globo devem ser explorados de tal modo que não haja risco de serem exauridos e as vantagens extraídas de sua utilização devem ser partilhadas a toda a humanidade.

A Educação Ambiental, portanto, tem uma dimensão humana, uma dimensão econômica e uma dimensão ecológica que devem se harmonizar sob o conceito de desenvolvimento sustentado.

Os textos acima demonstram que a preocupação humanitária da Educação Ambiental está em concordância com o pensamento global impresso na conferência de Tbilisi/1977, descrita abaixo.

Neste encontro foram determinados os princípios que iriam nortear a Educação Ambiental em todo o planeta. Os trabalhos realizados pelo PROCEL - Programa de Conservação de Energia Elétrica no Brasil adotam estes princípios como lema que podem ser traduzidos em sete pontos fundamentais que traduzem o pensamento adotado na conferência. São eles:

A Educação Ambiental foi definida (...) como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os torna aptos a agir - individual e coletivamente - e resolver problemas ambientais".

Possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes. Objetiva a construção de uma nova visão das relações do homem com o seu meio e a adoção de novas posturas individuais e coletivas em relação ao ambiente. A consolidação de novos valores, conhecimentos, competências, habilidades e atitudes refletirá na implantação de uma nova ordem ambientalmente sustentável.

Atua na sensibilização e conscientização do cidadão, estimulando a participação individual nos processos coletivos

Extrapolando as atividades internas da escola tradicional; deve ser oferecida continuamente em todas as fases do ensino formal, envolvendo ainda a família e a coletividade. A eficácia virá na medida em que sua abrangência vai atingindo a totalidade dos grupos sociais.

Deve considerar o ambiente em seus múltiplos aspectos e atuar com visão ampla de alcance local, regional e global.

E tem um caráter permanente, pois a evolução do senso crítico e a compreensão da complexidade dos aspectos que envolvem as questões ambientais se dão de modo crescente e continuado, não se justificando sua interrupção. Despertada a consciência, ganha-se um aliado para a melhoria das condições de vida no planeta. Deve atuar diretamente na realidade da comunidade, sem perder de vista a sua dimensão planetária.

Para Reigota (2008) a crise ecológica é uma crise dos valores humanos e traz à tona a necessidade de se engendrar novos pensamentos e novos comportamentos diante do planeta. Em Educação Ambiental seria necessário partir da representação social que os indivíduos ou grupos têm em relação ao meio ambiente, para se entender como esses atores sociais estão interpretando as questões ambientais e de que forma pensam e agem em sua realidade próxima. Só assim seria possível intervir para alargar esses saberes ambientais ou para se produzir outros, comprometidos com a melhoria da vida em nosso planeta. Para ele, a escola é um

espaço definido e significativo onde as relações ensino/aprendizagem, interpessoais e profissionais, necessitam de mudanças.

Lobino (2000, p. 46), afirma que a visão do aluno deve ser incorporada ao processo educativo, o qual estaria associado a uma leitura crítica da realidade e à criação de uma relação de unidade entre teoria e prática.

Para Pinnel (2002), a escola não é a única e nem a mais legítima base de formação e informação do ser-aí (homem).

O conceito de espaço de ensino-aprendizagem tornou-se mais amplo, indo além da escola formal. Práticas educativas especiais não escolares são inventivas intervenções realizadas sob a égide da Educação, da Pedagogia e da Psicologia, que, de modo geral, acontecem fora da sala de aula formal, cristalizando sentidos (e por isso dando forma e identidade àquele que a pratica) por meio da ação docente. Tais práticas acontecem de modo planejado ou não, em diversos espaços, e procuram (pró e cura), por meio do cuidado, responder às demandas ou necessidades de pessoas que 'clamam', consciente ou inconscientemente, por uma atenção educativa especial. Elas necessitam de uma inter-in-venção educativa especialmente planejada para com elas, nas relações sociais do cotidiano de ser e que as ajudem a intervir no seu 'microcontexto de ser' da falta. (PINNEL, 2000 p.97)

Nessa perspectiva, abordamos a Educação Ambiental não como transmissão de informações, mas como mudança de subjetividade, em meio a qual possa surgir um sujeito diferente, com outros valores e pensamentos, participando e narrando suas próprias experiências. Inclusive o pesquisador sendo objeto de pesquisa e auto-análise. Conhecendo-me posso me avaliar e me tornar outro. Posso mergulhar no cotidiano valorizando os saberes e as lógicas do outro e, navegando ainda um pouco mais, capturar e fazer dialogar os saberes científicos com os saberes populares.

Trabalhando com o pensamento em que a Educação Ambiental tenha uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma unificada, compreendo que ela é primordial para o desenvolvimento e aprimoramento do ser humano.

Segundo Boff (1998, p. 114) somos filhos da terra, pertencemos a terra e à terra voltaremos. Portanto, não pode a terra estar a nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Somos a própria terra e a temos dentro de nós. Somos formados com

as mesmas energias, com os mesmos elementos físico-químicos, dentro da mesma rede de relações de tudo com tudo que atuam há 15 milhões de anos. Somos hospedes nessa Terra. E como hospedes devemos ter respeito com o hospedeiro Terra e deixarmos a casa sempre em ordem para outros hospedes que vierem depois de nós. Ainda segundo Boff (1998, p.73):

Devemos tomar como exemplo os povos indígenas que sabem escutar a natureza, pôr estarem em afinidade com ela, com o solo, com a chuva, os ventos, plantas e animais, pôr isso captam imediatamente o que vai acontecer e que atitude tomar. Dessa escuta da terra é que nasce o cuidado essencial. Sem essa escuta da Terra e da paixão pôr ela não ouviremos a grande voz da Terra a convidar-nos para a sinergia, a compaixão, a coexistência pacífica com todos os seres. (BOFF, 1998).

No entanto, não são necessariamente essas vozes que contam na educação brasileira, em seu modo tradicional e hegemônico. O Brasil foi apontado no relatório 90 do Banco Mundial como o terceiro país do mundo em má qualidade de vida. Para Genebaldo Freire a solução para esse problema não passa apenas por medidas técnicas e administrativas, mas envolve principalmente a educação, numa perspectiva transformadora.

Fugimos da educação transformadora preconizada por Paulo Freire e estacionamos nos programas impostos pelos países ricos, nos quais formamos cidadãos conformados com a sua realidade social e econômica, autênticos cordeiros a serviço de sua majestade, a dívida externa. (FREIRE, 2004, p. 243)

A educação escolar, para muitos, é considerada um dos maiores legados da humanidade. No Ensino Fundamental é onde estamos formando cidadãos para o mundo e é aí que temos um vasto campo de possibilidades para a introdução da Educação Ambiental em um diálogo que tenha a amplidão de abraçar diversos saberes e também uma visão de um mundo mais altruísta.

Para Lobino (2007, p. 80) faz-se necessário uma eco-pedagogia ou uma pedagogia da sustentabilidade. Essa eco-pedagogia pede com emergência um eco-professor que precisa se forjado, antes de tudo, como um cidadão planetário, capaz de educar para a construção da cidadania planetária. Educar tendo em vista a cidadania planetária supõe o reconhecimento de uma comunidade civil planetária que deve ser

tratada a partir da vida cotidiana. Essa educação implica desenvolver capacidade/habilidades como:

“1. Sentir, intuir, emocionar; 2 – imaginar, inventar, criar e recriar; 3. Relacionar e interconectar-se; informar-se, comunicar-se, expressar-se; 4. Localizar, processar e utilizar a imensa informação da aldeia global; 6. Buscar causas e prever consequências; 7. Criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões; 8. Pensar em totalidade (holisticamente)” (GUTIÉRREZ, 1994, p.42 apud LOBINO, 2007, p. 81).

Segundo Carvalho ( 2006) – a educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. O educador é por “natureza” um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos. Ele está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre a nossa ação no mundo.

Ainda para Carvalho a interpretação fala tanto do fenômeno interpretado quanto do mundo da vida e do universo cultural do sujeito que o interpreta. Interpretar, nesse sentido, aproximar-se-ia mais da experiência do artista – ou seja, de uma interação criativa que leva as marcas de seu intérprete e de sua visão de mundo.

Tomamos como inspiração os vários pensamentos acima citados para o desenvolvimento de nossa pesquisa.



### 3 CAMINHOS, BIFURCAÇÕES, ENCRUZILHADAS E LABIRINTOS DE UMA PESQUISA TECIDA EM REDES

Por ser a pesquisa do cotidiano desafiadora e múltipla, em sua fabulosa busca de outras formas de pesquisar, é que firmou-se nela o passo a passo para se trilhar o caminho dessa dissertação: *A educação ambiental no ensino fundamental utilizando a linguagem audiovisual para a produção de novos saberes*.

A metodologia foi se construindo conforme o texto se construía. Pensamento, ação e escritura foram se formando e informando mutuamente, se co-engendrando no transcorrer do caminhar. O texto foi tomando forma através de narrativas, nas quais docentes e não docentes procuravam dar conta de suas experiências, de suas vivências. O individual e o coletivo se entrelaçaram e dessa textura-trama, tecemos novos discursos e novas práticas.

No entendimento de que todos somos sujeitos produzidos *na* e produtores *da* história e de que é na narrativa do “agora” que pulsa o direito à manifestação em defesa de nossos próprios interesses, *então “basta de sermos sujeitos narrados. Nós, os que atuamos nas escolas, somos narradores de nossas experiências, narradores de nossos acontecimentos”* (GARCIA, 2003, p.122).

Acreditando que o objeto de estudo de uma pesquisa, de certa forma, está inscrito no sujeito que pretende investigá-lo, descrevo um breve relato da minha existência, pois são os elementos que a compõem que me lançaram nessa investigação.

Nasci em um vilarejo, no interior de Castelo-ES, sem luz elétrica e sem nenhuma característica urbana. A minha diversão era, junto com um dos meus irmãos, um que era só um pouco mais velho do que eu, pescar peixinhos de peneira em um riacho que cortava uma várzea abaixo de minha casa. Ali também catávamos goiabas vermelhas enormes e capim para os nossos porquinhos da índia. No terreiro de nossa casa tinha todos os tipos de bichos – galinhas, patos, porcos, cachorro, gato – e todos viviam em perfeita harmonia.

Nós, a natureza e os bichos. E cresci assim, achando que nada era separado. E até hoje acredito nisso. Tudo está interligado.

A natureza é, para mim, um grande e sagrado santuário. Desde menina que andar em trilha dentro das matas ouvindo o ranger das árvores, inúmeros e diferentes sons de pássaros e outros bichos é algo, para mim, incrível. É silencioso, mas não é silencioso. É fértil, rico. É sublime!

Faço cinema. Sempre busquei a natureza como protagonista de meus filmes. Todas as minhas histórias são contadas em espaço aberto, com raríssimas cenas internas. Procuro sempre lugares distantes, sem muita interferência das cidades, e ali, onde a natureza ainda está do jeito que pra mim ela sempre deveria estar, ou seja, respeitada, é que consigo contar os meus contos que trafegam no universo paralelo.

Desvinculadas de cenas que pareçam pertencer ao nosso cotidiano, as minhas lendas só ganham esse tom onírico devido à roupagem da natureza.

Quando os filmes vão ganhando vida, fico observando as fotos de cena. Normalmente, o fotógrafo *still* (*fotos de cena*), contratado para fotografar as cenas super parecidas com as cenas que estão sendo filmadas para servirem de material de divulgação do filme, acaba fotografando também cenas em que aparecem o câmara, o diretor, os equipamentos e outros membros da equipe ou apetrechos de filmagem. Para os meus olhos há sempre um grito de diferença nas fotos onde aparecem equipamentos, carros e outros objetos que não pertencem ao filme. Estas fotos dão a nítida impressão, ou melhor, a certeza que estamos invadindo aquele lugar. E realmente estamos invadindo. Tudo que não pertence ao cotidiano daquele lugar está, ainda que temporariamente, invadindo-o. Mas é uma invasão salutar para que possamos contar nossa história e, depois, através de límpidas imagens, sacramentar aquele espaço com toda a poética verdejante da natureza que ali permanece, não desacreditando que outras invasões sejam também salutares, ainda que com diferentes propósitos como a de alimentar, vestir, produzir remédios e demais comodidades da vida contemporânea. A nossa invasão é um culto à paisagem onde nossa história reinventa aquele espaço exaltando e defendendo a sua importância enquanto estética visual, enquanto localização

geográfica com suas características primitivas, que ao ser olhado assim em sua nudez nos remete a um tempo ido, porém intacto, mas sabendo que toda imagem é uma tentativa de reter um tempo. Seguindo a lei da impermanência, nos é possível reter o tempo? Portanto, a potência da imagem que registramos esta não apenas em ser suporte de memória, mas em possibilitar outros pensamentos, potencializando a criação de outros modos de pensar e existir.

Como roteirista e diretora de cinema, trabalhei com várias turmas de alunos de diferentes idades e classes sociais, ministrando aulas de roteiro e direção pela Secretária Estadual de Cultura – Secult/ES, pela Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo e pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória. Nesse processo, descobri que a prática junto à teoria facilitava a compreensão e o desenvolvimento do curso, atingindo completamente o objetivo de fabricar roteiros. Numa linha dinâmica e totalmente sem receios de se lançarem nas teias da imaginação, todos os alunos acabavam produzindo. O resultado final sempre foi bastante satisfatório com grande aproveitamento. No fabricar do roteiro introduzia-se a teoria e a técnica e o aluno automaticamente as utilizava, reconstruindo-as, apropriando-se delas de diversas maneiras na construção do seu próprio roteiro. Teoria e prática co-engendrando-se, transformando-se não mais em coisas distintas, mas em *teoriaspráticas* e/ou *prácticasteorias*. Vi que nessa construção, onde eles se lançavam com vontade, era possível introduzir pensamentos e experiências mais arrojadas. Falar de cinema de uma maneira mais avançada, citando até nomes consagrados como o roteirista de Luiz Buñuel, Jean Claude Carrière.

Dessa forma, um curso que poderia ser corriqueiro, com técnicas básicas de construção de roteiro ganhava dimensões maiores através de narrativas audiovisuais próprias.

Partindo dessa experiência prática, vi que era possível este tipo de construção também para a realização de um vídeo documentário sobre a EMEF Santa Cruz e a sua relação com a comunidade, construído com os alunos do 9º ano e com os professores da EMEF Santa Cruz, principalmente porque os autores seriam também produtores e atores.

Busquei autores que apresentassem textos investigativos que me ajudassem na construção de questões que dizem respeito ao projeto, como: “O que podemos fazer para mostrar o que queremos em um processo de educação ambiental a ser desenvolvido em uma escola entremado ao processo de construção audiovisual?”; “Como e com quem podemos aprender para construir o que queremos construir?”. Estas questões lançaram possibilidades de linhas investigativas que ajudaram a traçar as várias perspectivas do processo de construção e desconstrução da pesquisa e do fazer videográfico onde o aluno é também protagonista.

Para compor o quadro teórico-metodológico da *pesquisa*, deparei-me com questões que envolvem também as reflexões e os fundamentos do fazer *vídeográfico* e suas possibilidades de produção e difusão. As novas mídias digitais propiciam também novas maneiras de produzir as narrativas da contemporaneidade, propiciando aberturas ou brechas através das quais se possa desconstruir noções fechadas da narrativa.

Para isso, os participantes do projeto precisaram dialogar com textos teóricos e técnicos, que lhes dessem condições para se moverem nesse território, principalmente na linha de fabricação do vídeo - documentário que é um tipo de construção audiovisual que procura registrar a “realidade”, sem ignorar as diferenças entre o que é a vida em seu fluxo cotidiano e o vai se tornar depois de impresso em imagem e que tenta, por isso mesmo, romper essas fronteiras e deslocar e desconstruir essas relações de dualidades tão presentes, tanto no fazer videográfico, quanto em qualquer pesquisa acadêmica.

Optamos pela pesquisa aberta desenvolvida com o cotidiano da escola, prevendo e assumindo a nossa intervenção nas práticas educativas da escola, bem como a autoria dos sujeitos pesquisados e todo o processo, visando à produção e à resignificação dos conhecimentos e sentidos que lá circulam no que dizem respeito às questões sócio-ambientais.

Nesse tipo de pesquisa, entendemos que o caminho se constrói com a participação efetiva de todos.

Mesmo definindo o método de pesquisa como um roteiro a ser seguido, abri todas as possibilidades de interferências e mudanças, construindo o caminho caminhando. Tentei enxergar as práticas do homem comum subvertendo à lógica dominante e olhando essas práticas com os olhos da possibilidade.

Foram promovidas discussões sobre os problemas ambientais conforme a visão dos sujeitos da escola. Nestas discussões decidiu-se quais as pessoas que deveriam ser entrevistadas para o vídeo documentário. E também quais as questões ecológicas específicas a serem abordadas.

Para Santos (2004), a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. O autor propõe que o cientista precisa dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos nossas ações e damos sentido à nossa vida.

Descrevo a crise do paradigma dominante e identifico os traços principais do que designo paradigma emergente, em que atribuo às ciências sociais anti-positivistas uma nova centralidade, e defendo que a ciência, em geral, depois de ter rompido com o senso comum, deve transformar-se num novo e mais esclarecido senso comum (SANTOS, 2004, p. 9)

Ao contrário do que sugere Santos, ou seja, o comprometimento da ciência e da política com os saberes e as demandas da sociedade civil, o que acontece na maioria das vezes é que o Estado promove melhorias paliativas, tentando introduzir na comunidade planos padrões, sem antes analisar criticamente a situação e as necessidades reais desta comunidade.

Em uma visão ainda mais eloquente, Ferraço (2003) exalta que os cotidianos pulsam mais fortemente do que qualquer análise que façamos dele.

Se é importante dialogar com autores como Lefbvre, Garcia, Alves, Certeau, também precisamos considerar a importância de ampliar esse diálogo envolvendo aqueles que vivem, convivem, inventam, usam ocupam e habitam nesses cotidianos. Não por questão de boa vontade ou gratidão, mas sob o propósito da pesquisa com os cotidianos não se tornar estéril,

tediosa, insípida. Trata-se de entender que também aqueles que vivem, de fato, esses cotidianos, são os legítimos atores/autoras dos discursos com os cotidianos (FERRAÇO, 2003, p.65)

Para Rincón (2002), mestre em Educação e pesquisador em Comunicação da Universidade Javerina na Colômbia, as culturas audiovisuais constroem um entorno que faz pensar com as imagens, paisagem-cultura-mundo audiovisual e tecnológico que brinda um repertório comum, a partir do qual se produz o sujeito contemporâneo. Ao mesmo tempo elas constroem uma paisagem-cultura-local de imagens e narrativas próximas e afetivas que reivindica as estéticas e as histórias localizadas como táticas legítimas de construção da subjetividade. Culturas audiovisuais que constituem os novos laboratórios experimentais da sensibilidade e do pensamento.

Isto significa, segundo o autor, outro modelo para compreender as dinâmicas da vida social: um modelo que se interessa pelo movimento, que estabelece relações e se dirige a um novo regime de reconhecimento e imaginação. Uma maneira de caracterizar este novo regime de sensibilidade é pensá-la a partir das formas subalternas de inscrever a vida na atualidade: gênero, sexo, ecologia, etnia, juventude, música, futebol, telenovela, carnaval, classe, entre outras coisas. São perspectivas de produzir sentido que tem sido sistematicamente excluídas da verdade ocidental. Para Rincón, são sensibilidades que afirmam uma resistência afetiva-sensível, que deslocam até o dramático e sentimental os âmbitos de produção e expressão do conhecimento, que operam como táticas de bufão que se atreve a incomodar as maneiras clássicas do saber e da cultura.

As sensibilidades, ainda segundo Rincón, são potentes para reinventar a vida quando deixam de ser temáticas e se convertem em relatos que inscrevem novas estruturas, estéticas e estilos de fazer audiovisual. O relato audiovisual é competente para permitir as novas expressividades sociais porque sempre foi um modo de expressão instável e aberto para os criadores que se atrevem a aventurar-se pela vida sem seguranças e nem caminhos definidos.

Assim como Rincón, pesquisadores do campo da Educação, também apostam nos relatos produzidos nos contextos da vida cotidiana como modo de se produzir

conhecimentos. De acordo com essa perspectiva, os conhecimentos emergem em meio às redes de saberes, fazeres e sentidos que se engendram em meio às práticas realizadas com os cotidianos das escolas. Ao invés de objetos, os sujeitos que praticam o cotidiano das escolas são sujeitos e autores da pesquisa e dos conhecimentos lá produzidos.

Para Demo (1981), o processo investigativo deve estar baseado em um sistema de discussão, investigação e análise, em que os investigados formam parte do processo ao mesmo nível do investigador. As teorias não se desenvolvem de antemão para serem comprovadas nem esboçadas pelo investigador a partir de seu contato com a realidade. A realidade se descreve mediante o processo pelo qual uma comunidade desenvolve suas próprias teorias sobre si mesma.

Escolheu-se, nesta pesquisa, introduzir a tecnologia áudio visual à Educação Ambiental, pois no século XXI o áudio visual está inserido em nossa civilização como uma das práticas discursivas que expandiram a percepção do homem sobre o mundo, sobre si no mundo e sobre suas relações com os outros.

No século XIX a fotografia e principalmente o vídeo não atingiram o apogeu de sua popularidade, mas foi a partir daí que os veículos de comunicação e informação passaram por mudanças que foram decisivas para a transformação da sociedade, do homem e da sua percepção do mundo e de si no mundo e da sua forma de narrar a si mesmo através dos meios audiovisuais.

Claro que atuar dentro de uma escola pública com alunos do Ensino Fundamental, onde se lecionam conteúdos produzidos a partir de uma racionalidade técnico-científica, que separa sujeito e objeto, teoria e prática, cultura e natureza, objetividade e subjetividade, introduzir práticas educativas baseadas na concepção com a qual venho trabalhando foi uma tarefa bem mais complexa do que trabalhar com oficinas alternativas. Todavia, a educação

é uma atividade complexa, e é nesta complexidade que temos abundância de signos, efeitos, contrastes, paradoxos, interesses, memórias, analogias e valores, que, como defende Santos (2004), estão presentes em toda produção de conhecimento, ainda que o paradigma da ciência moderna tente omitir.

Para iniciar os trabalhos, promovi a produção de narrativas pelos sujeitos da escola para identificar as representações sociais de alunos e professores em relação aos problemas sócio-ambientais locais e nos contextos mais amplos. Para isso foram realizadas reuniões, nas quais estavam presentes os participantes do projeto de vídeo para, a partir das representações deles, levantarmos os temas a serem desenvolvidos no documentário.

Foi avaliado com os alunos e professores o trabalho que ia se construindo, levando os alunos a produzirem narrativas avaliando o processo e a importância dele para suas vidas, não só no que se refere aos conhecimentos adquiridos, mas também em relação às relações sociais e demais aprendizagens forjadas com essa experiência.

E assim, trançando propostas, ideias, saberes, fazeres e sentidos, fomos desenvolvendo procedimentos metodológicos, tanto no que se refere ao processo de investigação, análise e relato, como também no que se refere à produção do documentário.

Sendo o aluno protagonista, ele vivenciou todo o processo dessa construção, participando de todas as etapas, desde o levantamento dos temas a serem abordados, passando pela produção do vídeo até a avaliação do produto. Isso porque compartilhamos a perspectiva de autores que defendem que o conhecimento se tece em redes de saberes, fazeres e significados (ALVES, 2008; FERRAÇO, 2008) articulando práticas, valores, crenças, imagens e memórias.

De antemão já estávamos trabalhando com uma situação inusitada. A metodologia de produção audiovisual entrelaçada à educação e estas entrelaçadas à educação ambiental. A intenção era se trabalhar de forma a possibilitar a participação do aluno na produção do conhecimento, por meio de uma conversa franca, num diálogo simples, mas direto. Prática e teoria de mãos dadas. Alunos, professores e pesquisador trabalhando juntos, numa perspectiva alternativa aquela muitas vezes teorizada e praticada pela pedagogia tradicional, que privilegia a transmissão de conteúdos, como se o professor sempre tivesse algo a dar que o aluno, no lugar da falta, precisasse apenas receber. Assim



(...) ao invés de me colocar sobre – que em sua polissemia pode assumir o significado de cima de – espero estar me colocando ao lado deles, discutindo a processualidade deste projeto da capacitação de jovens na produção de vídeos, pra trazer à tona a dimensão subjetiva desta produção. (MIRANDA, 2000, p. 10)

Ao apropriar-se do modo como lhes era possível das tecnologias audiovisuais, os alunos se depararam com um caminho novo a trilhar. Eles, que de certa forma estão embebidos pela mídia televisiva, diante de uma câmera de vídeo, sabendo manipulá-la e de posse ainda de um roteiro escrito por eles e se vendo em condições de realizar um produto que podia ser veiculado nessa mesma mídia que os seduz, e por muitas vezes os convence, incorporaram automaticamente o realizador e se revelaram, para além de autores, produtores, câmeras e editores.

O sentido em que se move a tecnologia já não é tanto o domínio da natureza pelas máquinas quanto o desenvolvimento específico da informação e da comunicação do mundo das imagens.

Dessa linha é possível a revalorização cognitiva da educação, já não como mera ilustração da verdade contida na escrita senão como dispositivo de uma produção específica de conhecimento. E fortemente específica, já que a reivindicação cognitiva da imagem passa paradoxalmente pela assunção da crise da representação. (BARBERO – 2000, p.28).

Com esta iniciativa abrimos caminhos e possibilidades para uma nova construção de conhecimento, onde as informações foram apropriadas e reelaboradas no seio dessa construção. Dentro desse processo, buscamos identificar e avaliar alternativas para a sensibilização em relação ao meio ambiente, no contexto e nas linguagens das mídias que tanto atraem os jovens nas sociedades contemporâneas.

Para Barbosa (2005, p. 19), cinema e vídeo constituem a arte de realizar o impossível, de materializar as esperanças mais excêntricas e de trazer à tona os temores ocultos no inconsciente coletivo. A tecnologia audiovisual já atingiu um nível técnico que nos permite transitar sem problemas por todo o espectro da expressão visual. Por meio da arte, atuamos em nosso próprio equilíbrio, pois precisamos recriar o mundo como uma forma de compreensão aos rigores da experiência no âmbito do real. Com a ajuda dos símbolos da arte podemos manifestar impulsos e valores significativos que, de outra maneira, não teriam como ser comunicados (a emoção, o carinho, o desejo, a simpatia, o amor).

A história seguinte, retirada da versão on-line de O Globo, no dia 24/05/2009, é um exemplo das infinitas variações possíveis da utilização do cinema como ferramenta didática ou paradidática:

O pai que trocou a escola do filho por filmes. Escritor canadense conta como passou a se relacionar melhor com jovem ao organizar sessões de cinema.  
Eduardo Fradkin.

O ex-crítico de cinema e escritor canadense David Gilmour (homônimo do guitarrista do Pink Floyd) estava prestes a fazer um livro sobre como superar decepções amorosas com mulheres e já tinha até uma editora para lançá-lo, quando seu filho Jesse lhe abriu os olhos.

- Ele me disse: “Ninguém vai ler isso. Não é para o público feminino, e os homens não compram livros desse tipo. Por que você não escreve sobre os três anos que passamos vendo filmes?” – relata Gilmour, em entrevista por telefone.

O pai seguiu o conselho, e o resultado é “O clube do filme”, sucesso mundial que será lançado no Brasil amanhã pela editora Intrínseca. A obra narra uma história real. Jesse aos 16 anos estava sem rumo na vida, reprovado em várias matérias na escola. David então, fez-lhe uma proposta singular. O garoto poderia deixar a escola e não precisaria arranjar trabalho. Poderia dormir até tarde e fazer o que quisesse, mas teria que assistir a três filmes por semana com David e debatê-los.

-Ele realmente odiava a escola. Eu acredito muito na educação, sou professor universitário em Toronto. Mas Jesse era um caso especial. Algo na personalidade dele fazia com que lhe fosse penoso ficar horas sentado na sala de aula. Era algo fisicamente doloroso. Isso se tornou uma briga constante. Percebi que, no fim das contas, eu não poderia forçar um moleque de 1,93 metro a fazer o que era necessário para concluir o ensino médio. Tudo o que eu conseguiria era destruir uma relação e levá-lo a sair de casa. Em seis meses, é o que teria acontecido. Eu o teria perdido - alega David.

O escritor ressalta que aparentemente nada havia de errado na personalidade do filho: - Ele não tinha problemas comportamentais ou intelectuais. Era sociável, falante. Apenas odiava a escola.

Garoto problema se tornou roteirista e estuda atuação. Hoje, Jesse está com 23 anos. O que está fazendo?

- Para surpresa de todos ele acaba de escrever e estrelar seu primeiro curta-metragem, de dez minutos, e também escreveu o roteiro de um longa que será filmado em algum momento durante o ano. Um famoso produtor canadense o leu e gostou do texto. Foi uma surpresa pra mim e a mãe dele, pois não esperávamos que ele se interessasse por atuar ou escrever roteiros. Há mais ou menos um ano, ele decidiu que era o que queria fazer.

No fim do livro, Jesse resolve voltar para a escola e faz um curso intensivo de três meses para prestar um teste de admissão. Ele passa. David diz o que aconteceu depois disso:

Para Bettetini (apud GOSCIOLA, 1984) o audiovisual é um produto – objeto ou processo – que, com o propósito de troca comunicacional, trabalha com os estímulos sensoriais da audição e da visão. Diferentemente da escultura, da pintura, da fotografia, do cinema mudo e de outras formas de expressão e comunicação que fazem referência a um só sentido, o audiovisual se encontra em meios como a televisão, o cinema sonoro, o vídeo, a multimídia, a computação gráfica, o hipertexto, a hipermídia e a realidade virtual.

O trabalho desenvolvido, “A Educação Ambiental no Ensino Fundamental utilizando a Linguagem Áudio Visual Para a Produção de Novos Saberes, teve a intenção de desconstruir (no sentido de desnaturalizar e apontar outras possibilidades) o paradigma educacional ainda predominante, na medida em que pretende problematizar a idéia de que um ensina e outros aprendem, pois entendemos que a educação não se faz apenas com transmissão de informações. Como sugere o paradigma emergente na educação, defendido pela maior parte dos autores e praticantes da educação ambiental, propomos que a educação para uma sociedade

mais justa e para a vida sustentável se faz com a participação de todos (REIGOTA, 2008).

Durante esse processo, pudemos compreender e valorizar as micropolíticas (no âmbito dos sujeitos e grupos sociais) instituídas e instituintes dentro dessa escola e/ou e da comunidade durante a produção do documentário e intervir no sentido de criar possibilidades para a mudança de subjetividades tendo em vista o alargamento dos modos de pensar e agir em direção ao comprometimento com a sustentabilidade da vida (GUATTARI, 1990).

Assim entendemos que a nossa contribuição esta na própria intervenção que fizemos na escola, durante a pesquisa. Com o relato dessa experiência não pretendemos universalizar seus resultados e nem defender sua aplicação em todos os *espaços- tempos* educativos, mas sim, por exemplificação valorizar as práticas criativas cotidianas e locais como possibilidades para o conhecimento.

Buscamos trabalhar sob a ótica da dialógica e da desconstrução, ou seja, a comunidade, seus saberes, suas práticas e suas lógicas são o ponto de partida para a problematização do que foi naturalizado, para o alargamento de seus conhecimentos, atitudes e sentidos, instituindo outras possibilidades de vida. Acreditamos que são nas práticas com os cotidianos que existem condições para as transformações, pois é aí que as pessoas se apropriam de tudo que lhes é oferecido e imposto criando modos de usos e lógicas operacionais, *artes de fazer* que possibilitam outras formas de sobrevivência (CERTEAU, 1994). Tratam-se de táticas de usuários que em suas vidas cotidianas inventam maneiras de escapar da racionalidade e da vigilância instituídas pelas estruturas tecnocráticas.

Essas 'maneiras de fazer' constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção socio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e altera o seu funcionamento por uma multiplicidade de 'táticas' articuladas sobre os "detalhes" do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos e dos indivíduos presos agora nas redes de vigilância. (CERTEAU, 1994, p. 41)

O trabalho desenvolvido com os alunos, professores e representantes da comunidade permitiu uma forma de reapropriação das novas tecnologias da comunicação e da informação para a produção de conhecimentos e significados que engendrem sentidos e atitudes para uma vida comprometida com a sustentabilidade, o que compreende uma perspectiva desenvolvimento econômico, mas também desenvolvimento cultural, social, ambiental, político, comunitário e pessoal.

Assim, esta pesquisa se constituiu, ao mesmo tempo, em uma experiência de intervenção na análise e no relato dessa experiência.

A escritura do trabalho foi produzida em forma de narrativa do cotidiano, levando em conta a pluralidade de vozes que se fizeram ouvir.

#### **4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS ESPAÇOS-TEMPOS COTIDIANOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA CRUZ: LUTAS, CONQUISTAS, DERROTAS E RESISTÊNCIAS NA BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.**

Por estar na foz do rio Piraqueaçu, que nasce dentro da reserva biológica de Nova Lombardia, município de Santa Tereza, a uma altitude de 1.000 metros, que atravessa o município de João Neiva e entra no de Aracruz pela localidade de Santa Maria, Santa Cruz acabou se tornando importante porto de exportação, nos princípios do século XX, por ser o Rio Piraqueaçu navegável, sem acidentes, desde Santa Rosa, para onde convergiam os produtos agrícolas de Colatina, Ibirapu e regiões circunvizinhas. Assim, a Vila de Santa Cruz se tornou um grande escoadouro de produtos como: açúcar, café, milho, feijão, etc. Ao mesmo tempo, em sentido inverso, abastecia a região de produtos que não eram nativos dali.

O Piraqueaçu é considerado o maior rio de Aracruz e recebe vários afluentes, ao longo da região da Reserva Ecológica de Aricanga, forma o maior manguezal do Espírito Santo e recebe o seu principal afluente o rio Piraquemirim, desembocando no mar pouco depois com cerca de 500 metros de largura, diante da Vila de Santa Cruz. Este estuário pode ser observado em toda a sua beleza do alto do Morro de Aricanga

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Cruz, situada na Av. Presidente Vargas, município de Aracruz, estado do Espírito Santo, originou-se da transformação da Escola de Primeiro Grau de Santa Cruz, criada em 1979.

Primeira escola de Santa Cruz foi também a primeira fundada no Município, em 1840, só para meninos; em 1863, foi criada outra para meninas. No passado, a escola funcionou sob várias denominações, como: Escolas Agrupadas, Escolas Reunidas, Escola Singular e Escolas Reunidas Bibiana Costa. Os locais de funcionamento foram a casa de dona Bibiana Costa, professora da escola e prédios pertencentes ao governo do Estado, um na praça Capitão Bley e outro na rua Jerônimo Monteiro. O prédio atual foi o primeiro construído para fins escolares, onde, a princípio, funcionavam a 1ª e 2ª Escolas Singulares, depois a 3ª e, em 1966,

foi construída a 4ª unidade. Em 1968, passou a denominar-se Escolas Reunidas, voltando a Singular no ano seguinte, por decadência de matrícula. No ano de 1977 foi criada a 5ª escola, mantida pelo poder municipal e, em 1979, deu-se a transformação pra Escola de 1º Grau Santa Cruz, sendo mantida pelo poder estadual, hoje EMEF Santa Cruz.

A diretora Margareth relata que a escola faz um planejamento semanal, coletivo, que acontece de 17 às 19 às segundas-feiras. É nesse momento que todas as áreas reunidas discutem os projetos que vão ser desenvolvidos e todo mundo trabalha em conjunto. Em 2008, a escola desenvolveu o projeto drogas e, como sempre, todas as áreas foram envolvidas. Os projetos são desenvolvidos sempre assim, com todas as áreas reunidas e cada um com sua disciplina.

O trabalho interdisciplinar, segundo a diretora, é importante para o direcionamento de determinados objetivos e atividades nas quais o aluno vai estar presente se integrando. Além dos projetos interdisciplinares, a problemática ambiental, ocasionalmente, também se apresenta de forma transversal, como na aula de Educação Física, que é ministrada na praia. O aluno interage diretamente com o meio ambiente, tendo a oportunidade de compreender melhor o sentido de cuidado e preservação. A seguir, relatarei alguns dos projetos que já haviam sido desenvolvidos na escola.

#### 4.1 PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO DA COSTA LITORÂNEA

O professor Jorge Augusto, de Educação Física, e a diretora Margareth relataram que um dos primeiros e mais importantes projetos desenvolvidos pela escola, no ano de 2007, foi um projeto de conscientização junto com alunos, professores e a comunidade para a preservação da costa litorânea de Santa Cruz.

Ele foi desenvolvido junto a uma mostra do mar que faz parte do calendário da escola, nessa mostra os alunos foram pesquisar tudo que o mar oferecia e também a cultura caiçara, maratimba, conhecimentos de maré, de animais, de preservação, de navegação. O 8º ano ficou responsável por pesquisar a respeito da extração das algas calcárias que uma empresa, com o apoio da Prefeitura e da Secretaria do

Meio Ambiente estava tentando se implantar na região de Santa Cruz para a extração das algas calcárias. O 8º ano pesquisou e descobriu, através de laudos, que uma mineradora ia se implantar em Santa Cruz. Essa mesma mineradora havia sido expulsa do sul do estado pela polícia ambiental e por órgãos competentes e estava vindo para Santa Cruz sob o consentimento do prefeito e da Secretaria do Meio Ambiente.

O professor de Educação Física Jorge Augusto, era diretor da escola naquele ano de 2007 e apoiou profundamente a pesquisa, envolvendo toda a comunidade. A escola desenvolveu uma pesquisa, no contexto de um trabalho pedagógico interdisciplinar, mostrando para toda a comunidade que a exploração da alga no fundo do mar iria degradar toda a costa da região. E o professor Jorge Augusto foi exonerado por esta questão, pois o prefeito havia se comprometido em ceder de 50.000 (cinquenta mil metros quadrados) dentro de uma área de reserva ambiental para a mineradora que iria explorar a extração de alga calcária.

O projeto se desenvolveu dentro da escola EMEF de Santa Cruz, e todo o tempo trabalhou a questão ambiental como uma das coisas mais importantes da comunidade. Durante o trabalho, professores e alunos organizaram uma manifestação que saiu de dentro da escola e depois se propagou para todos os movimentos de Ongs, Ministério Público e etc. E nunca mais parou. A escola e a comunidade se uniram mais uma vez em prol de um bem para a própria comunidade. Foram até a ONG amigos do Piraqueaçu e juntaram forças. Com isso a mineradora foi impedida de atuar e a costa de Santa Cruz manteve seu curso normal.

#### 4.2 PROJETO LIXO X DESPERDÍCIO

A interdisciplinaridade e a transversalidade se articulam em vários momentos nas atividades em EA no cotidiano da EMEF Santa Cruz.

Em depoimentos registrados em vídeos, vários professores e alunos e também o representante da sede da coleta seletiva de Santa Cruz feita pela prefeitura municipal de Aracruz, assim como a gari, narraram sobre um importante projeto desenvolvido pela escola: o projeto LIXO x DESPERDÍCIO, no ano 2007.



Participaram do projeto os alunos do 1º ao 9º ano e todos os professores e servidores da escola. No projeto de desperdício de comida, a matemática entrou com a contabilidade do desperdício do alimento utilizando gráficos e tabelas pesos e medidas do lixo gerado na escola.

A escola se deparou com um fenômeno que perpassa o cotidiano da comunidade: o desperdício, prática esta que leva a um aumento dos gastos, não apenas na alimentação (merenda), mas também no abastecimento de água e energia elétrica da escola.

A finalidade desse projeto foi conscientizar toda a escola sobre a importância da mudança de hábitos em relação ao consumo excessivo, buscando soluções para os problemas existentes, com o compromisso de trabalhar de forma individual e coletiva, exercitando a todo momento a cidadania.

Todos os professores se envolveram nesse projeto, através de textos informativos diversos, debates, poesias, paródias, teatro, cartazes, slogans, dinâmica de produção de texto e etc. Na aula de português foram discutidos textos como: consumir com sabedoria privilegia a qualidade de vida.

Conforme nos contaram professores e alunos envolvidos no projeto, eles discutiram ainda sobre as doenças que vem dos lixões, sobre os cuidados com o lixo e a aplicação da fórmula dos 5 Rs – Reduzir/Reutilizar/Recuperar/Reciclar/Repensar. Pesaram as sobras de comida/lixo e elaboraram tabelas e gráficos de acompanhamento diário do desperdício. Verificaram as contas de água e luz elaborando tabelas e gráficos dos gastos de água e luz.

Fizeram visitas ao Aterro Sanitário e elaboraram textos informativos em Power Point para as turmas que não participaram da visita. Trabalharam com textos sobre leis ambientais e atividades das Ong's e os tipos de organizações da sociedade que atuam ativamente no debate e acompanhamento das questões ambientais.

O tema se estendeu ainda sobre a coleta seletiva, que consiste no recolhimento de matérias recicláveis: papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos previamente separados na fonte geradora e que podem ser reutilizados ou reciclados. A coleta

seletiva funciona também como um processo de educação ambiental na medida em que sensibiliza a comunidade sobre os problemas do desperdício e recursos naturais e da poluição causada pelo lixo.

Cerca de 35% do lixo coletado poderia ser reciclado e outros 35% poderiam virar adubo. Ou seja, 70% da poluição do meio ambiente iria se transformar em algo útil e limpo para todo mundo. Isso se chama reciclagem, a maneira mais inteligente e dar adeus ao lixo.

A reciclagem possui inúmeras vantagens. Diminui a quantidade de lixo que vai para os lixões. Poupa os recursos naturais, reduz a poluição e gera empregos.

#### 4.3 PROJETO VALORIZANDO A VIDA

Um outro projeto importante desenvolvido pela escola em 2007, foi o Projeto “Valorizando a vida – prevenindo contra as drogas”.

A recorrência, na comunidade e regiões próximas, de problemas ligados ao consumo de drogas fez a escola se posicionar de forma contrária às mazelas da nossa sociedade.

O uso de drogas atinge diversas faixas etárias, que vão desde a pré-adolescência até adultos do próprio núcleo familiar dos estudantes. O projeto de valorização da vida buscou atingir todos os membros da comunidade. A própria comunidade, representada por suas famílias, está constantemente à procura de orientações e conscientização em relação ao problema das drogas e seus prejuízos sociais, fazendo com que a escola se torne o lugar - chave da valorização ao ser, à educação e a vida.

Também este projeto contou com a ajuda de todos os professores que através de painéis textos, teatro e exibição de filme sobre o assunto, dialogaram com os estudantes sobre os prejuízos do uso de drogas.

#### 4.4 – PROJETO “MÃOS E AÇÃO”

A diretora Margareth relata que a proposta do projeto “Mãos e Ação” surgiu no ano de 2004 na EMEF de Santa Cruz como uma ferramenta para instrumentalizar a comunidade escolar, com princípios, metodologias e técnicas que pudessem levar os educandos a melhor corresponderem e enfrentarem as novas exigências do mundo contemporâneo, ampliando seus compromissos de luta contra a exclusão e as oportunidades de inserção social.

Para tanto, era fundamental que, ao lado de uma educação básica de qualidade, fossem oferecidos espaços para o desenvolvimento pessoal e social, que fortalecessem a construção da identidade desses alunos exercitando todo momento cidadania.

A constatação da falta de estudo e/ou interesse e compromisso com sua formação por uma parcela significativa dos alunos alertou e motivou a iniciativa desse projeto que, em médio prazo, pretendia melhorar esse quadro de maneira eficaz e competente.

Através das parcerias firmadas entre funcionários da EMEF Santa Cruz, sua comunidade e a AMIP (Associação dos Amigos do Piraqueaçu), as várias oficinas e atividades vieram ocorrendo até então beneficiando todos da comunidade escolar.

Inicialmente eram oficinas realizadas tanto no espaço da escola como no prédio da AMIP e também, dinâmicas na salas de aula que, dadas por professores, obedeciam ao cronograma de temas e horários específicos.

A cidadania era percebida como conceito abstrato por estar desvinculada da prática diária de vida dos alunos. Esta cidadania era tão desrespeitada nas pequenas coisas do cotidiano que não favorecia a experiência pessoal. A noção de cidadania acontecia através da cobrança de direitos, sem a responsabilidade de cumprir os deveres. Porém, só quando direitos e deveres começaram a ser percebidos como dois lados da mesma moeda foi que se tornou possível um início de mudança. A idéia era levar os alunos a sair de uma posição passiva, de vítima, para se perceber e agir como agente de transformação.

Segundo a diretora Margareth, nessa trajetória, cada passo teve um significado, cada detalhe um sentido. Da prática a troca de experiências, do planejamento às vivências, foi se percebendo que o processo de construir junto com o educando e com todos que participam desse projeto é que garante a possibilidade e transformação, de continuidade do trabalho e de seu crescimento. E são muitos os caminhos possíveis, na busca de oferecer aos alunos subsídios para que valorizem seus conhecimentos, ampliem suas habilidades, atitudes e valores úteis para sua vida.

A diretora Margareth relata ainda que o ser humano é um ser em contínua transformação. E educar é transformar. A educação é uma chave. Chave esta que abre a possibilidade de tornar gente as pessoas e fazer das pessoas cidadãos. E falar de cidadania é falar de igualdade de oportunidades, da consciência de que é possível conviver com as diferenças e que o bem-estar individual passa pelo bem estar coletivo.

Uma das reflexões possibilitadas durante o desenvolvimento do projeto foi sobre a importância das famílias, posto que o núcleo familiar, fundamental na formação humana, influi sobre a pessoa favorecendo ou dificultando seu desenvolvimento.

Para tanto, o projeto contou com uma equipe interdisciplinar, composta por membros da comunidade, voluntários, corpo técnico e professores da escola, para solidificar o mesmo sem intenção de esgotar as ações e reflexões aqui postas.

A diretora Margareth relata que não é tarefa fácil, mas a EMEF Santa Cruz tem como referência uma pedagogia voltada para o resgate da auto-estima, desenvolvimento, criatividade e autonomia de todos participantes.

Com esse propósito, a equipe da escola trabalha: criança, adolescente, escola, família, comunidades, visando o fortalecimento dos laços afetivos e sociais, assim como as relações inter e intrapessoais, propiciando uma visão crítica, renovadora e de transformação pessoal e social para todos os envolvidos. O trabalho desenvolvido objetiva transformar cada sujeito desses, em participante de uma

reflexão, assumindo a responsabilidade dos seus atos e das mudanças que fizer acontecer.

Os princípios que norteiam este projeto passam pela valorização da pessoa humana. O trabalho preventivo/educativo consiste na mútua aprendizagem, centrada no afeto, no respeito à individualidade, no acenar sincero e concreto para outros cenários de vida a serem construídos essa interlocução com a sociedade mais ampla.

O trabalho está pautado no desejo de estar presente junto a toda comunidade escolar, num fazer e refazer permanente acreditando que de sonho em sonho a nossa escola vai construindo a realidade.

De acordo com a diretora, a escola optou por uma metodologia de técnicas de trabalho em grupo, por achar que é na relação e na troca de experiências e informações com o outro que a pessoa pode interagir, construir e reconstruir suas possibilidades.

Todas as pessoas que atuam no cotidiano escolar são fundamentais para o sucesso das ações e devem ser comprometidas com os objetivos do mesmo e não só com as tarefas específicas de cada um. Portanto, são realizados encontros, estudos, programação das atividades, avaliação e confraternização para promover uma integração que propicie o desenvolvimento de uma relação de confiança entre todos.

#### 4.5 PROJETO HORTA

A diretora Margareth fala em entrevista que a escola desenvolve ainda o Projeto Horta, em meio ao qual as crianças plantam cebolinha, salsa, tomate, coentro, rabanete e chá de erva doce e cidreira e cuidam da plantação juntamente com a professora de ciências. A Secretaria de Agricultura vem e mostra como adubar, como tirar a mudinha. O que eles plantam, quando colhido, vai direto para a merenda como incremento.

São os alunos que limpam e arrumam. Foram eles que colheram e trouxeram as garrafas para cercar o canteiro. A professora de ciências mostrou a eles a utilidade das garrafas para cercar o canteiro de mudas. Elas têm areia dentro para não propiciar a criação do mosquito da dengue. Com isso, eles vão tomando consciência sobre a dengue e também sobre higiene.

#### 4.6 CALENDÁRIO ECOLÓGICO

A diretora Margareth relata também que a escola tem um calendário ecológico. Em 2007, os alunos trabalharam o manguezal e os rios. Representantes da escola saíram com as crianças mostrando os rios e manguezais e desenvolveram um trabalho sobre resíduos sólidos. As crianças foram ao aterro sanitário e o que aprenderam lá no eles relataram e desenharam.

A diretora Margareth ressalta que tudo isso é muito válido pois trabalha com as crianças o meio ambiente de sua própria comunidade e também o meio ambiente em geral.

Observamos que a EMEF Santa Cruz traduz uma realidade onde os processos e projetos desenvolvidos pela escola apresentam resultados práticos e não ficam apenas no âmbito de “eventos” que acontecem em seus calendários escolares. Eles se desmembram na comunidade e geram resultados, como, por exemplo, a coleta seletiva de Santa Cruz, que aconteceu após o projeto da reciclagem do lixo desenvolvido pela EMEF Santa Cruz com os professores, os alunos e a comunidade.

Percebemos ainda uma integração genuína dos docentes com a escola. Muitos vivem em Santa Cruz e têm pela escola e pela comunidade o mesmo sentimento de proteção que eles têm por sua própria casa. Esse sentimento intensifica um trabalho de construção e expansão do cotidiano da escola para o cotidiano da comunidade e, por fim, todos se entrelaçam na busca de melhoria.

## **5 A TESSITURA DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM OS COTIDIANOS DA ESCOLA**

A EMEF Santa Cruz abriu suas portas sem nenhuma dificuldade para a construção desta pesquisa-intervenção.

Por ser uma escola pública e com poucos recursos, quando apresentei o projeto para a diretora Margareth, ela logo vislumbrou alguma possibilidade. Ela disse que a EMEF Santa Cruz, mesmo com pouco recursos, desenvolve vários projetos sociais e ambientais e a introdução da tecnologia audiovisual só viria a acrescentar.



Figura 1 - EMEF SANTA CRUZ - 2008 –  
Fonte – Acervo pessoal

Entrevistei, com uma câmera bem simples, um grupo de docentes, reunidos na sala dos professores. Este registro se encontra entre os vários outros registros que fizemos em vídeo no decorrer da construção de todo o processo, desde a minha entrada na escola, como as aulas sobre técnicas de roteiro, a caminhada ecológica. Entrevistei também alguns alunos e pessoas que trabalham na escola: uma senhora que trabalha na fabricação da merenda, a coordenadora, o vigia, a diretora e por fim toda a manufatura do vídeo documentário com os alunos.



Figura 2 - Professor Jorge Augusto e a Diretora Margareth - sala da coordenação da EMEF Santa Cruz.

Fonte – Acervo pessoal

A minha primeira entrevista foi na sala dos professores com os professores de História, Educação Física, Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, professora de Informática e Matemática.

Perguntei o que eles achavam sobre meio ambiente? O professor Iedo, de História, respondeu:

-Pra mim não existe meio ambiente, pra mim é o ambiente todo. Esse negócio de meio ambiente já é um conceito que não aceito. Eu acho que na questão ambiental você tem que inserir o sujeito no contexto todo, Não no meio ambiente. Tem que ser inteiro..

Continuei minha entrevista. – Como vocês trabalham a educação ambiental na escola?

Iedo – Trabalhamos com projetos interdisciplinares. Nós tivemos um projeto ano passado sobre lixo e desperdício. A questão da separação do lixo seco do úmido.

–A época que a escola trabalhou mais sobre meio ambiente foi a época que Jorginho foi diretor. Teve a feira do mar, os meninos navegavam o Piraqueçu, recolhiam lixo, trabalharam o ecossistema manguezal. Trabalharam o problema da extração da alga calcária.



Professora de Geografia, Ludmila.

– Eu trabalho a Educação Ambiental em todas as turmas porque faz parte do conteúdo da geografia, obrigatoriamente eu trato o que está dentro do currículo, como trago questões da atualidade, especialmente aqui da região.

– Vocês sentem um interesse dos alunos pelo meio ambiente?

Professora de Geografia

– Depende da abordagem. Se faz uma abordagem que é muito pautada na teoria eles não se interessam não, mas se faz um trabalho da região, dos problemas que eles vivem aqui, eles se interessam.

Professora de matemática , Denise , falando sobre o envolvimento da matemática no projeto de lixo e desperdício.

– Cada disciplina tinha suas atividades específicas. Na verdade a matemática às vezes fica um pouco restrita no tratamento , por que ela se envolve mais com gráficos, tabelas e análise de dados. A parte que talvez interesse mais o aluno seja o momento, a vivência do projeto e as questões que ele pratica. A questão do tratamento dos dados fica mais para o final. Mas, de qualquer forma, a matemática participa.

– Além da problemática da estação da alga calcária existe outra problemática na região que vocês gostariam de trabalhar?

Professor Iedo

– Uma outra coisa que até ensaiamos ano passado foi a questão da proteção ao caranguejo, espécie *Cilius cordatus*, vulgo caranguejo Uça. Durante seu período de andada, de acasalamento, seria uma questão que poderíamos trabalhar junto à comunidade e catadores de caranguejos para que eles não fossem ao mangue durante a andada recolher o crustáceo.

Entrevistei alguns alunos e também a profissional que trabalha na merenda e o sentimento de meio ambiente estava ligado à comunidade e a preservação dos recursos naturais.

Nesses relatos, ficou claro a interação dos professores com a escola e, conseqüentemente, com a comunidade. Eles serviram de base para o diálogo que traçamos junto com alguns professores e com os alunos do 9º ano para o projeto se destinar a um vídeo - documentário.

A diretora Margareth, juntamente com alguns outros professores, decidiu que iríamos trabalhar com o 9º ano, pois é a última série da EMEF Santa Cruz. Depois os alunos partem para uma outra escola que lhes oferece o Ensino Médio, e também porque eles acharam que os alunos entre 11 e 13 anos teriam mais condições de conceber os conceitos de roteiro, direção, manipulação de uma câmera de vídeo e as filmagens.

A professora de Português, Iamara, nos concedeu o horário em que ela deveria lecionar Português, durante 03 semanas, para falarmos e escrevermos sobre a construção de um roteiro. Trabalhamos o roteiro como produção de texto, dentro do conteúdo lecionado pela professora Iamara. Esse tempo foi suficiente para que junto com os alunos do 9º ano, construíssemos o roteiro que serviu de base para a fabricação do vídeo-documentário.

Os alunos e também a professora registraram, com uma câmera de vídeo, as aulas de roteiro.



Figura 3 – sala da professora lamara - EMEF Santa Cruz - Luiza Cirlei Gomes lecionando conteúdo sobre roteiro de cinema e vídeo.

Fonte – Acervo pessoal

Para construirmos um roteiro é necessário, de primeira mão, uma boa ideia, depois a *story-line*, o argumento, primeiro tratamento e, por fim, o roteiro técnico que estará presente nas filmagens com cada sequência decupada em planos, o que nos facilita a produção de um vídeo-documentário e também de ficção ou de arte.

Em espanhol, roteiro se chama *guion*. É exatamente isso, um guia para nos locomovermos de maneira mais organizada e ágil. Foi com essas palavras que o conteúdo sobre a construção de um roteiro foi sendo introduzido e divulgado entre os alunos do 9º ano da EMEF Santa Cruz.

Dialogamos então com os alunos do 9º ano sobre os movimentos da EMEF Santa Cruz em relação ao meio ambiente. Muitas ideias vieram à tona, mas eles decidiram tomar o Projeto da reciclagem do lixo, que havia se estendido para a comunidade e gerado a coleta seletiva, como a ideia central do documentário.

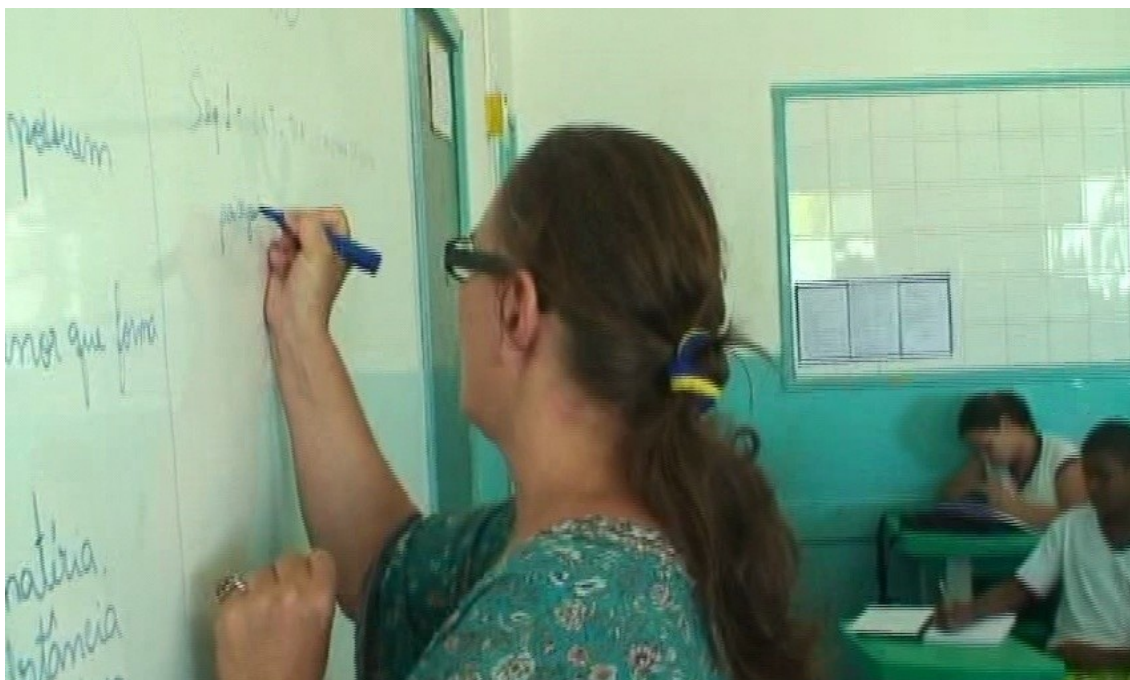


Figura 4 – sala da professora lamara – Luiza Cirlei lecionando conteúdo sobre roteiro para cinema e vídeo.

De posse da ideia, fator principal para se começar a construir um roteiro, começamos então a desenvolver outras etapas.

Tomamos como base este tema e outras falas foram se introjetando no discurso. Os alunos, juntamente com a professora de Português e de Ciências, acharam que era interessante fazermos entrevistas intercaladas com imagens da região, pois isso daria mais dinâmica ao roteiro. E nesse pensar vieram também à tona: o manguezal, com sua biodiversidade, os pescadores que ali habitam e vivem de sua pesca, a fonte do caju que é ponto turístico da região, a conquista da não implantação da mineradora que iria explorar a alga calcária e isso iria causar um grande impacto ambiental os demais trabalhos desenvolvidos pela escola, bem como a vista da ponte sobre o rio Piraqueaçu, que se alarga em vasta distância, mostrando a grandeza desse importante rio, o imenso manguezal e também a reciclagem do lixo, seu destino final e a coleta seletiva.

Percebemos então que essa narrativa se encaixava em um formato de documentário. E assim ficou decidido. O nosso trabalho seria um documentário, em vídeo, sobre a EMEF Santa Cruz e a comunidade.

E assim colocamos em prática, junto com os alunos do 9º ano e a Professora lamara, os conceitos e técnicas de construção de um roteiro.

Na hora da construção do roteiro todos comungavam de um mesmo sentimento: preservação. Vimos então que cabia trabalhar com eles , além dos projetos realizados pela escola que tiveram repercussão na comunidade, o texto do Leonardo Boff que segue abaixo.

### **ÉTICA PARA A NOVA ERA**

Nenhuma sociedade no passado ou no presente vive sem uma ética. Como seres sociais, precisamos elaborar certos consensos, coibir certas ações e criar projetos coletivos que dão sentido e rumo à história. Hoje, devido ao fato da globalização, constata-se o encontro de muitos projetos éticos nem todos compatíveis entre si. Face à nova era da humanidade, agora mundializada, consentimento de todos e assim viabilizar a convivência dos povos. Vejamos, sucintamente como na história se formularam as éticas. Uma permanente fonte de ética são as religiões. Estas animam valores, ditam comportamentos e dão significado à vida de grande parte da humanidade que, a despeito do processo de secularização, se rege pela cosmovisão religiosa. Como as religiões são muitas e diferentes, variam também as normas éticas.

Difícilmente se pode fundar um consenso ético, baseado somente no fator religioso. Qual religião tomar como referência? A ética fundada na religião possui, entretanto, um valor inestimável por referi-la a um último fundamento que é o absoluto.

A segunda fonte é a razão. Foi mérito dos filósofos gregos terem construído arquitetônica ética fundada em algo universal, exatamente na razão, presente em todos os seres humanos. As normas que regem a vida pessoal chamaram de *ética* e as que presidem a vida social chamaram de *política*. Por isso, para eles, política é sempre ética. Não existe, como entre nós, política sem ética.

Esta ética racional é irrenunciável mas não recobre toda a vida humana, pois existem outras dimensões que estão aquém da razão como a vida afetiva ou como a estética e a experiência espiritual.

A terceira fonte é o desejo. Somos seres, por essência, desejantes. O desejo possui uma estrutura infinita. Não conhece limites e é indefinido por ser naturalmente difuso. Cabe ao ser humano dar-lhe forma. Na maneira de realizar, limitar e direcionar o desejo, surgem normas e valores. A ética do desejo se casa perfeitamente com a cultura moderna que surgiu do desejo de conquistar o mundo. Ela ganhou uma forma particular no capitalismo no seu de realizar todos os desejos. E o faz excitando de forma exacerbada todos os desejos. Pertence à felicidade, a realização de desejos mas, atualmente, sem freios e controles, pode pôr em risco a espécie e devastar o planeta.

Precisamos incorporá-la em algo mais fundamental.

A quarta fonte é o cuidado, fundado na razão sensível e na sua expressão racional, a responsabilidade. O cuidado está ligado essencialmente à vida, pois esta, sem o cuidado, não persiste. Dai haver uma tradição filosófica que nos vem da antiguidade (a fábula-mito 220 de Higino) que define o ser humano como essencialmente um ser de cuidado. A ética do cuidado protege, potencia, preserva, cura e previne. Por sua natureza não é agressiva e quando intervém na realidade o faz tomando em consideração as conseqüências benéficas ou maléficas da intervenção. Vale dizer, se

responsabiliza por todas as ações humanas. Cuidado e responsabilidade andam sempre juntos.

Essa ética é hoje imperativa. O planeta, a natureza, a humanidade, os povos, o mundo da vida (Lebenswelt) estão demandando cuidado e responsabilidade. Se não transformarmos estas atitudes em valores normativos dificilmente evitaremos catástrofes em todos os níveis. Os problemas do aquecimento global e o complexo das várias crises, só serão equacionados no espírito de uma ética do cuidado e da responsabilidade coletiva. É a ética da nova era.

A ética do cuidado não invalida as demais éticas mas as obriga a servir à causa maior que é a salvaguarda da vida e a preservação da Casa Comum para que continue habitável. (Boff, 2007, p. 34)

A comunidade de Santa Cruz vive também da pesca. Em nossas conversas veio à tona a situação da pesca na costa de Santa Cruz. Alguns professores relataram que os barcos tinham que ir cada vez mais longe pra trazer o pescado, os peixes que tinham em abundância ali na entrada da bahia haviam diminuído consideravelmente. Achemos que o texto, 'Temos que Parar de Comer os Oceanos', de Paul Watson, que segue abaixo, merecia uma discussão. Lemos juntos na sala de aula, tanto este texto quanto o de Leonardo Boff e, pelo menos, naquele instante houve um acordo mútuo dos alunos com o discurso dos autores dos referidos textos.

#### TEMOS DE PARAR DE COMER OS OCEANOS

Os oceanos são como a galinha dos ovos de ouro. Enquanto ela estava viva, botava um ovo dourado cada dia, mas depois o agricultor ganancioso decidiu matá-la para obter todo o ouro de seu interior, mas nada encontrou, e a galinha não botou mais seus ovos porque estava morta.

Durante séculos, os oceanos têm alimentado a humanidade. Mas, no século passado, os ecossistemas dos oceanos foram abusados pela ganância humana com uma ignorância insana.

Não como peixe porque sou um ecologista e tenho visto a diminuição de peixes em todos os mares da minha vida. Fui criado em uma aldeia de pescadores e fui criado em uma dieta de bacalhau, sardinha, cavala, smelts, amêijoas, lagostas, solhas e truta. Eu vi com meus próprios olhos a progressiva diminuição de peixes, lagostas e crustáceos. E pelo que eu comi quando criança, eu escolhi o que não comer hoje, pela simples razão de que há muitos de nós em terra comendo os poucos deles que vivem nos mares.

O pescador agora se tornou um dos mais destrutivos ocupadores do planeta. É tempo de pôr de lado a imagem antiquada, independente, 'sal-do-mar', do pescador trabalhando corajosamente para alimentar a sociedade e Sustentar a sua família.

A maioria dos pescadores não vão mais ao mar com linhas e pequenas redes. Hoje, operam navios que valem alguns milhões de dólares, equipados com uma complexa e dispendiosa tecnologia, destinada a caçar e capturar todos os peixes que possam encontrar.

Um fabricante de localizador eletrônico de peixes - Rayethon, se orgulha de seu produto, dizendo que o peixe pode correr, mas não pode se esconder. E para os peixes não há lugar seguro, sendo caçados impiedosamente mesmo em reservas marinhas e santuários. Nós, seres humanos, temos travado uma intensa e implacável exploração de praticamente todas as espécies de peixes no mar, e esses estão desaparecendo. Se não pormos

um fim aos navios de pesca industrializada, muito em breve, vamos matar os oceanos e, ao fazê-lo, vamos nos matar.

Nesta semana, cientistas revelaram que a desnutrição é generalizada, afetando peixes, pássaros, animais e populações dos nossos oceanos. Não só estamos esgotando as suas reservas, mas estamos matando de fome os sobreviventes.

Estamos alimentando gatos com peixes, porcos e galinhas, e nós estamos sugando dezenas de milhares de pequenos peixes do mar para a alimentação de peixes maiores criados em cativeiro. Gatos domésticos estão comendo mais peixe do que focas, porcos comem mais peixes do que tubarões, e galinhas comem mais peixes do que albatrozes.

Com outros fatores, como o aumento da acidez, aquecimento global, poluição química e diminuição da camada de ozônio, provocamos declínio das populações de plâncton, travando um ataque global sobre toda a vida nos nossos oceanos. Os peixes não podem competir com as nossas exigências excessivas. Já eliminamos 90% dos grandes peixes comerciais do mar. Os chineses procuram barbatanas de tubarão, o que está destruindo praticamente todas as espécies de tubarão do oceano.

Considerando que a indústria da pesca, uma vez segmentada, destruiu os grandes peixes, agora está se focalizando nos menores, os peixes que sempre alimentaram o peixe maior. Das dez principais pescarias no mundo de hoje, sete estão no alvo dos peixes pequenos. Se os peixes são muito pequenos para alimentar as pessoas, são simplesmente misturados na farinha para alimentar os animais domésticos e agrícolas, que criam salmão ou atum.

A aquicultura surgiu agora também como o maior desperdício de peixes, e é o motor econômico na condução da exploração intensiva de peixes pequenos. Atualmente, japoneses e noruegueses extraem dezenas de milhares de toneladas de plâncton do mar para produzir proteína rica a fim de alimentar animais.

Nesta semana, um relatório sobre o estado do Mundo da Pesca e da Aquicultura, liberado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO, concluiu que 80% de todos os peixes marinhos estão atualmente sendo explorados, sobreexplorados, empobrecidos ou esgotados, incluindo reservas das sete maiores pescas. Poucas populações de peixes marinhos permanecem com o potencial para sustentação, enquanto a humanidade segue em crescimento, e muitos já atingiram seu limite. A Sea Shepherd Conservation Society não está tomando a posição dos direitos animais quando dizemos que as pessoas devem parar de comer peixe e parar de comer carne de animais que foram alimentados por peixes. A nossa posição baseia-se unicamente sobre a realidade ecológica que a pesca comercial esta destruindo os oceanos.

Todos nós sabemos disto. Estamos todos conscientes dessa diminuição. A realidade ecológica não está somente à nossa frente, está acertando nossos queixos. O problema é a negação absoluta, se nos recusamos a reconhecer que, extinguindo a vida do mar, iremos comprometer o alicerce para a nossa sobrevivência na terra.

Esta negação é tão arraigada que mesmo o Greenpeace serve peixe para sua tripulação a bordo dos seus navios, enquanto apóia campanhas de se opor à pesca predatória.

Um povo indígena no Brasil, chamado de Kaiyapo, chama aqueles que destroem as florestas de 'povo-cupim', porque eles devoram as árvores. Nós temos humanos parasitas sugando a vida dos oceanos e dando nada em troca. Nós, seres humanos, nos tornamos parasitas sugadores de sangue do oceano, e quando matarmos nossos anfitriões, como certamente faremos então morreremos também.

Por muito tempo, eu me perguntava por que eu me preocupava em falar sobre esses assuntos para uma sociedade que se recusa até mesmo a conhecer esta realidade e simplesmente rejeita qualquer conversa sobre

exploração ao extremo. Durante décadas, tenho sofrido com a apatia e a ignorância.

Na semana passada, em Paris, na Conferência de Sustentabilidade, eu falei sobre tudo isso para uma sala cheia de jornalistas, e quando eu propus o encerramento de todas as atividades comerciais de pesca no Mediterrâneo, fiquei agradavelmente surpreso com o fato de nenhum jornalista discordar e sequer questionar uma proposta tão radical. Na verdade, meu anúncio foi saudado com aplausos.

O público está se tornando consciente da gravidade da situação ecológica, que ameaça a vida no mar. E isto é muito encorajador. Eu não posso pensar em algo mais importante do que a preservação da diversidade em nossos oceanos. Talvez possamos nos adaptar ao aquecimento global, e talvez podemos sobreviver a uma extinção maciça de espécies, mesmo em terra. Mas eu sei que se matarmos os oceanos vamos nos matar. A diversidade é a preservação da vida.

Temos de parar de comer os oceanos. Comer peixe é, para todos os efeitos, um crime ecológico. Não há sustentabilidade na pesca oceânica - não, nenhuma. Aquela pretensão de ser consumidores ecologicamente corretos é apenas uma fraude, uma tentativa de nos fazer sentir bem, enquanto continuamos a comer o mar.

Sei que muitos não vão gostar do que estou dizendo, mas eu nunca escrevi ou falei com a finalidade de ganhar algum concurso de popularidade. Meu objetivo é ser ecologicamente correto no meu pensamento, e de qualquer perspectiva que tenho visualizado. Isso eu vejo escrito na parede, em grandes letras em negrito, juntamente com as minhas observações do equilíbrio, e agora a diminuição da vida no mar, desde que eu era um rapaz sentado na Baía de Passamaquoddy até agora, tendo viajado por todos os oceanos do mundo tentando defender a vida no mar. Os sinais parecem ameaçadores e perigosos.

Alguns podem pensar que um apelo pela proibição da pesca comercial é radical. Eu vejo isso como uma política conservadora e essencial que devemos implementar para salvar os oceanos e a nós mesmos. Estou preocupado com os pescadores e suas famílias? Eu simpatizo com sua situação, mas estou muito mais interessado na sobrevivência futura da humanidade e dos oceanos. Nós simplesmente precisamos pôr fim a uma indústria que literalmente está eliminando os sistemas de apoio à vida neste planeta. Isso exige sacrifícios, mas é preferível sacrificar um trabalho do que sacrificar o futuro de todos nós.

Temos que considerar as necessidades dos peixes, e é preciso dar-lhes espaço e tempo para se recuperarem do terrível abate a que temos infligido todas as espécies que vivem no mar.

Estou cansado de ouvir desculpas de pescadores dizendo que as focas e os golfinhos diminuíram os peixes. Eles querem nos fazer de bobos, e aceitar um bode expiatório não-científico nesse argumento. Os peixes sumiram porque eles, os pescadores, os mataram sem piedade.

Eles precisam de ser tratados como criminosos que estão destruindo os oceanos. A indústria da pesca precisa ser encerrada antes que provoque uma extinção irreversível, e também a perda de diversidade em nossos oceanos.

Se um colapso ecológico ocorrer devido à remoção de uma espécie ou espécies estratégicas, nós não nos preocuparemos com empregos. Nós vamos nos preocupar que os nossos concidadãos irão nos caçar e nos comer. Se isso ocorrer, as palavras que Jesus Cristo uma vez disse a pescadores se tornarão terrivelmente verdade - eu vou te fazer tornar pescadores de homens (marcos, 1-17). (Watson, 2009, p. 70)



No final de nossas conversas e da aplicação da técnica de construção de roteiro, os alunos do 9º ano e a professora lamara confeccionaram o roteiro que serviu de base para a produção do vídeo documentário.

Oferecemos a eles ferramentas para que eles percebessem não só o meio ambiente de sua escola e de sua comunidade, mas expandissem a percepção sobre outros mecanismos que possibilitam conhecer, contabilizar e expressar o mundo, como a construção de um vídeo, o que envolve: fabricar o roteiro, manipular a câmera, utilização adequada da luz. Assim sendo, partimos para a gravação do vídeo-documentário.

## 6 LUZ , CÂMERA, AÇÃO: A CRIAÇÃO DO VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

Registramos em vídeo todas as nossas práticas na escola enquanto estivemos empreendendo a pesquisa, bem como as observações dos alunos e professores participantes.



Figura 5 – A turma do 9º ano gravando parte do vídeo documentário em frente ao mar.

Fonte – Acervo pessoal

Buscamos possibilitar o acesso aos conhecimentos necessários ao aprofundamento das questões por meio de leitura de textos relacionados à educação ambiental, internet, consulta a membros da comunidade e visitas a campo.

Ao trabalhar a educação ambiental no ensino fundamental utilizando a linguagem audiovisual para produção de novos saberes, vimos que através do produto audiovisual várias janelas se abrem para a informação e para a formação. Um vídeo-documentário acompanha este momento, onde tudo é imagem, introduzindo-se no meio e comunicando-se com a tecnologia audiovisual vigente.

Ao construirmos um vídeo-documentário sobre o procedimento da escola com o lixo gerado pela própria escola e o lixo da comunidade, assim como o seu destino final e ainda vários outros discursos, documentamos o fazer daquela comunidade, suas razões, sentidos e objetivos. Tornou-se documento videográfico o que eles já haviam desenvolvido na prática.

A partir daí, como veículo de comunicação e representação que é o vídeo, com o grande avanço da construção audiovisual, onde é possível criar um universo completamente fantástico e ilimitado, nos foi concedido um vasto campo de possibilidades para mostrarmos em imagem e som o que foi construído pelos alunos do 9º da EMEF Santa Cruz.



Figura 6 – Sala da Professora Iamara – Luiza Cirlei Gomes com a Diretora da EMEF Santa Cruz e os alunos do 9º ano reunidos para saírem para a gravação do vídeo documentário.

Gravamos desde a nossa entrada na escola, entrevistas com alunos professores e outros funcionários da EMEF Santa Cruz, a aula de roteiro com os alunos do 9º ano, a experiência deles se entrevistando e tomando conhecimento da câmera e do fazer videográfico.

Tudo era muito novo pra eles. No início, parecia ser uma brincadeira. Como se estivéssemos apresentando um brinquedo eletrônico pra eles. Uma situação aparentemente simples, mas cheia de vontades, de performances embutidas na captação da imagem e na possibilidade de logo ver fabricado aquilo que eles instantaneamente filmaram. A novidade serviu como impulso.

Dentro do caráter lúdico, tínhamos um roteiro que se apresentava de maneira concreta para a realização do vídeo-documentário.

Quando finalmente decidimos filmar, todos os 35 alunos do 9º ano, e mais o professor Jorginho foram para o set de filmagem. Vários alunos e alunas se sentiram atraídos pela câmera. Quase todos quiseram filmar alguma coisa. Eles fizeram a prática de uso da câmera filmando a eles mesmos, fazendo perguntas para eles mesmos. E já começaram a se ver representados e principalmente, a se auto-apresentarem/representarem.

Os alunos tiveram contato imediato com a câmera de vídeo, desde como fixá-lo no tripé, ligar, olhar a imagem no visor, girar a câmera sobre o tripé em panorâmica e automaticamente ver representada a região escolhida para ser filmada. Com direito a tremer a câmera e poder repetir a mesma cena. Observar que, de certo ângulo, a luz estava estourada, possibilitando a mudança de ângulo para a captura de uma melhor expressão desta imagem.



Figura 7 – aulas de manipulação da câmera de vídeo com os alunos do 9º ano.

Fonte – Acervo Pessoal

Com relação às entrevistas perceberam que o excesso de vento provocava um ruído forte no microfone o que confundia, às vezes, a voz do entrevistado com o som do vento.

Tiveram ainda a percepção de que, quando entrevistávamos alguém, toda a equipe de uns 35 alunos tinha que ficar em profundo silêncio, porque as vozes deles se confundiam com a do entrevistado e se perdia aquela cena, tendo que repeti-la.

Falávamos sobre plano médio, plano geral e logo filmávamos os planos que havíamos falado. Toda a técnica foi sendo assimilada junto com a prática.



Figura 8 - Alunos do 9º ano gravando o vídeo documentário.

Fonte – Acervo Pessoal

A construção de um documentário ao ar livre, sob o sol quente, requer muita paciência, pois, às vezes, é necessário repetir muito a mesma cena. Ao fim das gravações do documentário vários alunos estavam cansados e já sem muito vontade de continuar. Mas, o esforço que havíamos feito até então estava registrado em imagem.

Estava, por fim, registrado em vídeo, um trabalho feito pelos alunos e professores que se viam protagonistas desta ação. Uma participação coletiva, registrando em imagem projetos que eles já haviam trabalhado de outras maneiras e agora estavam inseridos no documentário. Registraram ainda a sua comunidade com suas belezas: o manguezal, a fonte do caju, o rio Piraqueaçu, a praia de mar aberto e verde. Eles estavam de posse de um produto cheio de informações sobre eles e sobre sua comunidade, tendo ainda a oportunidade de exibir e divulgar para eles, para a sua comunidade e para além dela. Todo o processo de produção, registrado em vídeo está no *making of* anexado a essa dissertação, bem como o produto final produzido, ou seja, o vídeo-documentário.

Partimos, então, para a primeira exibição que foi para eles mesmos.

## **7 EM CARTAZ: EXIBIÇÃO E ANÁLISE**

De posse do DVD do Vídeo-documentário produzido pelos alunos e professores da EMEF Santa cruz, a diretora Margareth marcou uma exibição na sala de informática e vídeo para os alunos do 9º ano e também alguns professores.

Os alunos apontavam para eles mesmos quando se viam na tela e riam praticamente de tudo. A professora Denise de Informática ficou encantada consigo mesma ao se ver representada. Pediu imediatamente um DVD pra que ela pudesse se observar quando estivesse em casa. Brotou nela um amor instantâneo por si mesma, assim como Narciso ao se ver refletido no lago. Com a diferença que a professora de Informática, ao invés da morte, vislumbrou vida e possibilidades. Perguntou como poderíamos fazer um curso mais intenso de técnicas audiovisuais, onde ela pudesse aprender a filmar e editar com profissionalismo e se tornar uma multiplicadora cultural dentro da própria EMEF Santa Cruz

Os efeitos do vídeo nos trabalhos de conscientização e educação são notórios pelo fato de as pessoas se verem apresentadas e, conseqüentemente, representadas. O vídeo também se presta à elaboração de registros e, portanto, evidencia o esforço de um trabalho. Outro aspecto a ressaltar da escolha do material audiovisual é que os passos dados podem ser reprisados, uma vez que a tecnologia audiovisual, por trabalhar com nossos sentidos especializados, amplia as possibilidades da visão e da audição, funcionando também como um recurso de arquivo e de memória. A câmera de vídeo por ser um elemento sensório apresenta ainda material para análise. Uma câmera por produzir signo também necessita de interpretante. A análise é o passo posterior à confecção, que permite avaliar, sopesar, refletir e redirecionar, se for o caso, as atividades realizadas.

Conversamos sobre a possibilidade da escola elaborar um projeto e tentar uma parceria com o poder público e juntos criarem um curso permanente de técnicas e linguagem audiovisual dentro da escola. A aprendizagem de técnicas permite não somente a elaboração de produtos expressivos tanto na área do documentário quanto da ficção, mas também com o domínio de algumas técnicas de realização audiovisual, os alunos poderão ter senso crítico em relação aos produtos aos quais são expostos diuturnamente.

A diretora perguntou para os alunos o que eles haviam achado de todo o processo, e perguntou, ainda, se eles gostariam que a escola tivesse oficinas de vídeo permanente? Todos disseram que sim.

Ela discursou também sobre a importância deste documentário produzido por eles, como documento, como forma de representação de sua comunidade, Como veículo de divulgação. Como forma de expressão e representatividade.

E disse ainda que eles poderiam exibir esse vídeo no cineclube “Velas do Piraqueaçu” que esta sendo criado pelo professor Iedo, onde ele vai exibir filmes nas velas dos barcos que ficam ancorados na praia em frente ao píer. E declarou que o vídeo poderia ser exibido em diversas comunidades e ainda participar de festivais de meio ambiente.

Escolhemos a Linguagem Audiovisual pelo seu enorme poder de sedução, por duplicar a realidade e por apresentar a vida, às vezes, de maneira mais digerível. Dos sentidos, a visão e a audição permitem investigação mais minuciosa e mantém uma certa distância do objeto pesquisado, o que não ocorre com o tato e o paladar, por exemplo, que necessitam de contato. Então, dessa forma, no vídeo, as situações a serem pesquisadas podem ser experimentadas e depois examinadas a uma certa distância, o que permite maior isenção crítica.

A combinação de visão e audição amplia as possibilidades de conhecimento, apela para a sinestesia e sugere um mundo de possibilidades.

Devido ao grande avanço tecnológico desta arte, é possível criar um universo completamente fantástico e ilimitado. Os personagens e objetos de cena unidos a toda a estética que os permeiam, e ainda o hipnótico jogo da imagem em movimento, nos concedendo um vasto campo de possibilidades de construir a informação sem que o aluno fique cansado ou disperso. Nesse construir audiovisual toda imagem é possível de ser fabricada. Pudemos dialogar com a comunidade e também se quiséssemos poderíamos mostrar a Terra, vista de fora, com sua luz azul, brilhando junto com miríades de outras luzes que compõem o universo.

Diante desse imenso espaço sideral, registramos o cotidiano da escola e da comunidade de Santa Cruz, que é apenas um pontinho no gigante Cosmo, ainda que parte dele. Os conhecimentos discutidos ali, em Santa Cruz e o sentir desta comunidade com relação a questões ambientais co-se relacionam com o todo. Gravando um documentário sobre esse pequeno distrito, vislumbramos a essência da Terra com suas leis universais, principalmente àquelas em que todo o planeta é visto como uma única e precisa ótica: o da preservação. Não só a preservação do meio ambiente, mas também a do sujeito.

Após o trabalho apresentado, percebemos que o poder de sedução da imagem é realmente grandioso. Alunos e professores desejaram que a escola tivesse uma câmera. Pois eles viram que de posse de uma câmera podiam produzir resultados concretos. Com ela era foi possível registrar seu cotidiano, fazer entrevistas, filmar as paisagens de sua comunidade e tráfegar por mais um caminho além daquele que eles tráfegavam no seu dia a dia.

Ficou claro o desejo da implantação da tecnologia audiovisual na escola, tanto pelos alunos como pelos professores.

O objetivo maior que era introduzir a linguagem audiovisual nesta escola de periferia, onde pouco ou quase nada se sabia sobre a técnica ou a manipulação de equipamentos audiovisuais, e com isso dialogar sobre o meio ambiente da comunidade. Alcançou, além da técnica e do diálogo, a possibilidade de locomoção e divulgação de um produto audiovisual-ambiental, vislumbrando vários caminhos a percorrer. O primeiro, já percorrido, foi a exibição para todos os alunos do 9 ano da EMEF Santa Cruz, e isso nos possibilitou a análise do que foi modificado nessa construção.

O que pudemos perceber ainda, após a exibição do material finalizado, é que a pesquisa resultou em um trabalho prático, e que mais uma vez ultrapassou o sentido de ser apenas um evento produzido com a escola. Instalou-se a vontade de praticar mais, de conhecer mais e fazer mais produtos audiovisuais. Este produto finalizado, tem nome, cor, forma, assinaturas e poderá ser exibido ainda em outras



escolas e comunidades, nos festivais de vídeo sobre meio ambiente e em outras instâncias sobre educação ambiental.

Os alunos agora também são autores, produtores, entre outras funções do universo da realização audiovisual.

## 8 CONCLUSÃO

O caminho trilhado foi de grande valia nesta pesquisa. Todo o processo e etapas que atravessamos com os alunos e professores da EMEF Santa Cruz, escola escolhida para desenvolvermos a pesquisa e analisar os resultados.

Desde o primeiro encontro, onde travamos conhecimentos com os alunos e o olhar em plano geral para escola e a comunidade, e depois os primeiros diálogos e as primeiras entrevistas, registrando passo a passo os métodos e procedimentos escolhidos e desenvolvidos com os alunos. A introdução da câmera digital no processo e o entrosamento do aluno com essa linguagem nos ajudaram a ter mais confiança na metodologia implementada.

Objetivamos nesta pesquisa utilizar a tecnologia audiovisual entrelaçada à educação ambiental, tendo os alunos e professores como protagonistas deste evento. O resultado final dessa pesquisa que foi o vídeo-documentário alargou nossas expectativas e pôde ser exibido em salas de aula da comunidade que ele foi criado e poderá ser exibido também em outras comunidades.

Após a exibição do vídeo criado por alunos de uma escola que apresenta, pelo menos em alguns instantes, semelhanças com a escola que está exibindo o material vídeografico, o professor terá a oportunidade de questionar, discutir e ainda incrementar a elaboração de um discurso próprio sobre meio ambiente, além da possibilidade de criar sua própria produção a exemplo do que fizemos na escola pesquisada. Dessa forma, como propõe Santos (2004), contribuiremos para a construção de uma ciência que se faz por exemplificação, reapropriação e recriação e não por generalizações ou universalização de interesses e conhecimentos locais tomados como verdades e certezas a serem seguidos, sem questionamentos, por todos.

Todos os alunos do 9º ano tiveram contato com a teoria e prática de fabricação de um produto audiovisual. Os conhecimentos aprendidos na aula de português se estenderam para a criação do roteiro, para a manipulação da câmera de vídeo que os levou até o set de filmagem onde eles gravaram o vídeo documentário. Depois

de finalizado o trabalho eles se viram representados como autores e atores do produto que haviam fabricado. Introduzimos, desta forma, no 9º ano da EMEF Santa Cruz, a linguagem audiovisual. O que para eles era completamente desconhecido se tornou realidade em um projeto de vídeo documentário. São nessas ações que estão impressos os novos saberes adquiridos pelo 9º ano da EMEF Santa Cruz.

A intenção do trabalho, além de introduzir a linguagem audiovisual para um registro videográfico do meio ambiente da comunidade de Santa Cruz, foi fazer florir, despertar dentro do mais puro sentido do aluno o querer cuidar. A valorização de todos os elementos, a não exclusão de nada que se refere ao meio ambiente. A compreensão que tudo está interligado e muito pode ser recuperado, transformado e cuidado, e como esse sentimento pode ser entrelaçado ao fazer videográfico e a educação ambiental.

Todos esses conceitos acima foram discutidos no viés da construção do material videográfico fabricado com os alunos da escolhida escola-comunidade e serviram de base para a dissertação.

Para nos proporcionar condições de atingir e avaliar se alcançamos esses objetivos, não apenas o documentário realizado pelos alunos, mas todo o processo de construção da pesquisa que foi feita na EMEF Santa Cruz, foi construído coletivamente e registrado em vídeo digital.

Nosso ponto de partida foi identificar e compreender as representações sociais dos alunos e professores sobre meio ambiente e sobre as problemáticas ambientais de sua região. Avaliar qual a sua integração com a natureza e a partir de então fazer emergir novas possibilidades.

Como as questões relativas ao meio ambiente atravessam os conhecimentos produzidos nas redes cotidianas de saberes, fazeres e sentidos que se engendram na escola em conexão com contextos mais amplos, como família, mídia e comunidade, e intervir, através da apropriação de recursos e técnicas de comunicação, para o alargamento desses conhecimentos e sentidos, tendo em vista

mudanças nas subjetividades e atitudes em prol de uma vida mais justa, digna e sustentável.

Para isso, partimos das representações sociais dos alunos sobre meio ambiente, proporcionando a seguir condições para eles se aprofundarem por meio de pesquisas e discussões nessas questões, construindo conhecimentos mais amplos. Essa construção se fez através da linguagem áudio visual, em formato documentário, registrando a vida e o meio desta escola, avaliando suas reais necessidades, o entorno da escola, o local onde os alunos vivem.

Nossa proposta foi tecer junto, sem introduzir, em um formato pronto, pacotes fechados, como se cada comunidade fosse igual e tivesse as mesmas necessidades, olhando a escola a pelos olhos dos alunos e da comunidade escolar e avaliando as reais necessidades deles e a partir daí surgir os relatos e metas de novas construções e melhorias.

Com isso, foi possível ainda motivá-los a aprofundar conceitos e produzir conhecimentos relacionados às questões levantadas, através de pesquisas, com a perspectiva da produção do vídeo.

Possibilitando a apropriação das técnicas, recursos e linguagens da produção audiovisual como meio de conhecer, analisar e se expressar. Tornando-os estudantes protagonistas nos processos de construção e divulgação dos conhecimentos produzidos, contribuindo para sua independência e auto-estima. Proporcionando a discussão sobre esse processo e seus resultados apresentando-os como uma tecnologia de ensino/aprendizagem, ou seja, como mais uma possibilidade para a educação ambiental, através da produção de várias cópias em DVD, do material finalizado, para que possa ser exibido nas escolas públicas do ensino fundamental de outras comunidades e em instâncias de discussão sobre práticas educativas, como congressos, seminários e simpósios.

## 9 REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In. ALVES, Nilda. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: *et Al.*, 2008.

ANTUNES, Paulo de Bessa. **Direito ambiental**. Rio Janeiro: Lumen Júris, 2002.

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **A arte da animação**: técnica e estética através da história. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2007.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Procurando outros paradigmas para a educação. In. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 72, Agosto de 2000.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Global, 1998.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos e conhecimentos em redes: **as artes de dizer e escrever sobre a arte de fazer**. In. ALVES, Nilda. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP *et Alli*, 2008.

FILÉ, Valter (Org.). **Batuques, fragmentações e fluxos**: zapeando pela linguagem audiovisual escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP : Papirus, 1990.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para novas mídias**. Artigo apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no NP 08, tecnologias da Informação e da Comunicação, 2004. Disponível em [reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17808/1/R1572-1.pdf](http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17808/1/R1572-1.pdf) .

LEITE, Regina Garcia (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: et Alli, 2003.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Bom tempo, 2005.

LOBINO, Maria das Graças Ferreira. **A práxis ambiental educativa: diálogo entre diferentes saberes.** Vitória: EDUFES, 2007.

MACHADO, Paulo Afonso Leme. **Direito ambiental brasileiro,** Rio de Janeiro: Malheiros Rocco, 2003.

MURILO, Marcelo da Silva. **A prática de ensino de história: o uso do vídeo agindo na produção de um novo saber.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2000.

PINEL, Hiran. **“Família & prostituição: educação especial não escolar (de rua) & adversidades”** – Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE – UFES, Vitória, v. 8, n. 15, jan./jun. 2002.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e representação social.** São Paulo, Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP et Alli, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação do sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996

RINCÓN, Omar. **Televisión, vídeo y subjetividad.** Bogotá, Colombia : Grupo Editorial Norma, 2002.

RUSCHEINSKY, Aloísio . **Educação Ambiental: abordagens múltiplas.** São Paulo: Artmed, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. <http://loboreporter.blogspot.com/2009/05/temos-de-parar-de-comer-os-oceanos.html>

\_\_\_\_\_. <http://www.aleph.com.br/sciarts/cpfl/CPFL%20-%20Tbilisimeio.ht>

## **10 Anexos**

**DVD do Vídeo Documentário produzido com os alunos do 9º ano da EMEF – Santa Cruz.**

**DVD do making of de tudo que foi gravado na escola durante o período da pesquisa**

**Roteiro do vídeo documentário produzido com os alunos do 9º ano.**

**ROTEIRO DO VÍDEO - DOCUMENTÁRIO:**  
**A ESCOLA EMEF SANTA CRUZ, SUAS REALIZAÇÕES**  
**E A COMUNIDADE**

**SEQ 1 – EXT – DIA – Alto do morro.**

Panorâmica do alto do morro com visão para o manguezal, a cidade e o mar.

Legenda: Cidade de Santa Cruz – ES - 2009

**SEQ 2 – EXT/DIA – FONTE DO CAJU**

Ponto turístico da região

Averiguamos que a fonte esta preservada produzindo água limpa.

**SEQ 3 – INT/DIA – SALA DOS PROFESSORES**

Entrevistas com vários professores narrando suas opiniões e experiências vividas com a escola. O projeto do lixo entre outros.

**SEQ 4 – EXT /INT/DIA – Pátio interno e externo da escola**

Entrevista com alguns alunos e com a senhora que trabalha na cozinha

Elas dão sua opinião sobre o que pensam sobre meio ambiente

**SEQ 5 – INT/DIA – Sede da coleta seletiva**

Entrevista com o representante da coleta seletiva de Santa Cruz

**SEQ 6 – EXT/DIA –RUA**

Entrevista com uma gari.

**SEQ 7 – Entrevista com o professor Jorge Augusto**

Ele fala do projeto das algas calcárias, do movimento que ele coordenou para que a mineradora não fosse implantada na região. O que iria causar um grande dano à costa de Santa Cruz.

**SE 8 – EXT/DIA/ Barco ancorado/ mar**



Entrevista com um pescador fala sobre onde eles jogam o lixo, quantidade de lixo e qual o destino final do lixo deles.

#### **SEQ 9 – EXT/DIA – Restaurantes**

Entrevista com uma funcionária do mocambos - restaurante que fica em frente ao mar. Ele fala do destino do lixo do restaurante

#### **SEQ 10 – INT/DIA – Sede da ONG Amigos do Piraqueaçu.**

Entrevista com o presidente da ONG Amigos do Piraqueaçu, falando do projeto da mineradora que ia extrair algas calcárias e o que isso acarretaria a costa de Santa Cruz.

#### **SEQ 11 – EXT/DIA – PRAIA**

##### **Entrevista com a Diretora da EMEF SANTA CRUZ /DIA**

Ela narra os vários projetos sociais desenvolvidos pela escola e a relação da escola com a comunidade.

#### **SEQ 12 – EXT/DIA – Pátio da Escola**

O professor Jorginho está organizando os alunos para uma caminhada ecológica.

#### **SEQ 13 – EXT /DIA – FRENTE DO MAR**

Todos estão fazendo exercícios físicos, se preparando para a caminhada ecológica

#### **SEQ 14 – EXT/DIA – PRAIA**

##### **Entrevista com a Diretora da EMEF Santa Cruz.**

Ela narra os vários projetos sociais desenvolvidos pela escola e a relação da escola com a comunidade.

#### **SEQ 15 – INT/ DIA – ESCOLA**

Entrevista com a professora Iamara

#### **SEQ 16 – INT/DIA – ESCOLA**

Entrevista com a professora Margareth.

**SEQ 17 – INT– SALA DE INFORMÁTICA E VÍDEO DA  
EMEF SANTA CRUZ**

Exibição do vídeo pronto para os alunos do 9º ano, com a presença de alguns professores e da diretora Margareth.

**SEQ 18 – DIA – MAR**

Panorâmicas do mar de Santa Cruz.

Créditos Rotativos